



Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

- A Personalidade de Jesus
- A propósito de «Fantasmas Materializados» e de «Revelações transcendentais»
- A ação dos passes magnéticos
- O Espiritismo em face da Ciência
- Aquí e Agora
- O que penso do Espiritismo
- Provas da Sobrevivência
- Novos Rumos á Medicina
- Analisando factos
- Excertos de uma conferência realizada na Federação Espírita Brasileira
- A trajetória espiritual de Napoleão 1.º
- Trinta anos entre os mortos
- Crônica Estrangeira
- Espiritismo no Brasil

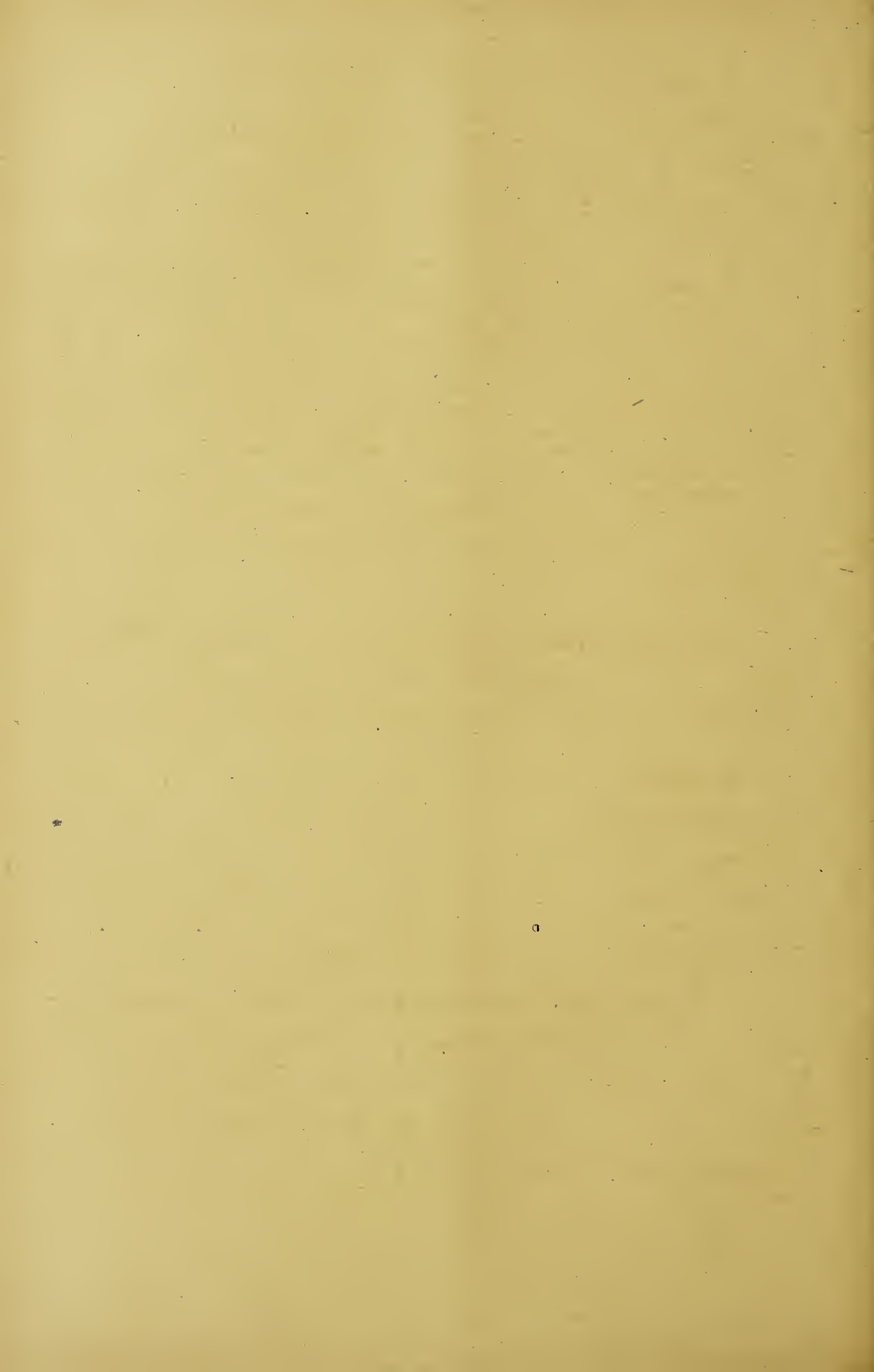
LIBRARY OF PRINCETON

NOV 15 2006

THEOLOGICAL SEMINARY



DR. IGNACIO FERREIRA



Prezado Confrade :

A imprensa espírita está passando um dos períodos mais difíceis de sua existência. Com o considerável aumento do preço do papel e a pouca vontade de um certo número de assinantes em pagar as assinaturas, o sacrifício imposto à imprensa espírita é quasi sobrehumano. Só mesmo com uma grande dose de boa vontade, desprendimento e esforço é que um órgão espírita pode ser mantido nas condições atuais.

Mas isso ainda não basta para a manutenção de uma publicação. A boa vontade, o desprendimento e o esforço dos seus diretores, redatores, gerentes e auxiliares podem sofrer um revés se os seus assinantes não concorrerem com o pagamento das assinaturas.

A «Revista Internacional do Espiritismo» é uma publicação dispendiosa sob todos os pontos de vista e requer, portanto, o esforço de seus assinantes no sentido de não só reformarem as assinaturas, como também efetuarem o pagamento das mesmas.

E' por essas razões que estamos enviando a todos os nossos assinantes esta circular, solicitando dos mesmos o seu auxílio moral e pecuniário para o sustento desta Revista, cujo trabalho na espiritualização da humanidade é assás importantissimo, além de honrar o Brasil no Estrangeiro, onde a sua divulgação é relativamente boa.

Confiantes na boa vontade do prezado confrade, prosseguiremos no cumprimento do nosso dever e nos confessamos, com antecipação, sumamente gratos.

Pela «Revista Internacional do Espiritismo»

Antonia Perche da Silveira Campêlo — Gerente.

A' Revista Internacional do Espiritismo

Junto envio, sob registro, com valor declarado, a quantia de.....correspondente ao débito de minha assinatura. Solicito a fineza de enviar o respectivo recibo.

Do Confrade.....

Residencia.....Est. de.....

Rua.....N.....

Em.....de.....de 194.....

A' Revista Internacional do Espiritismo

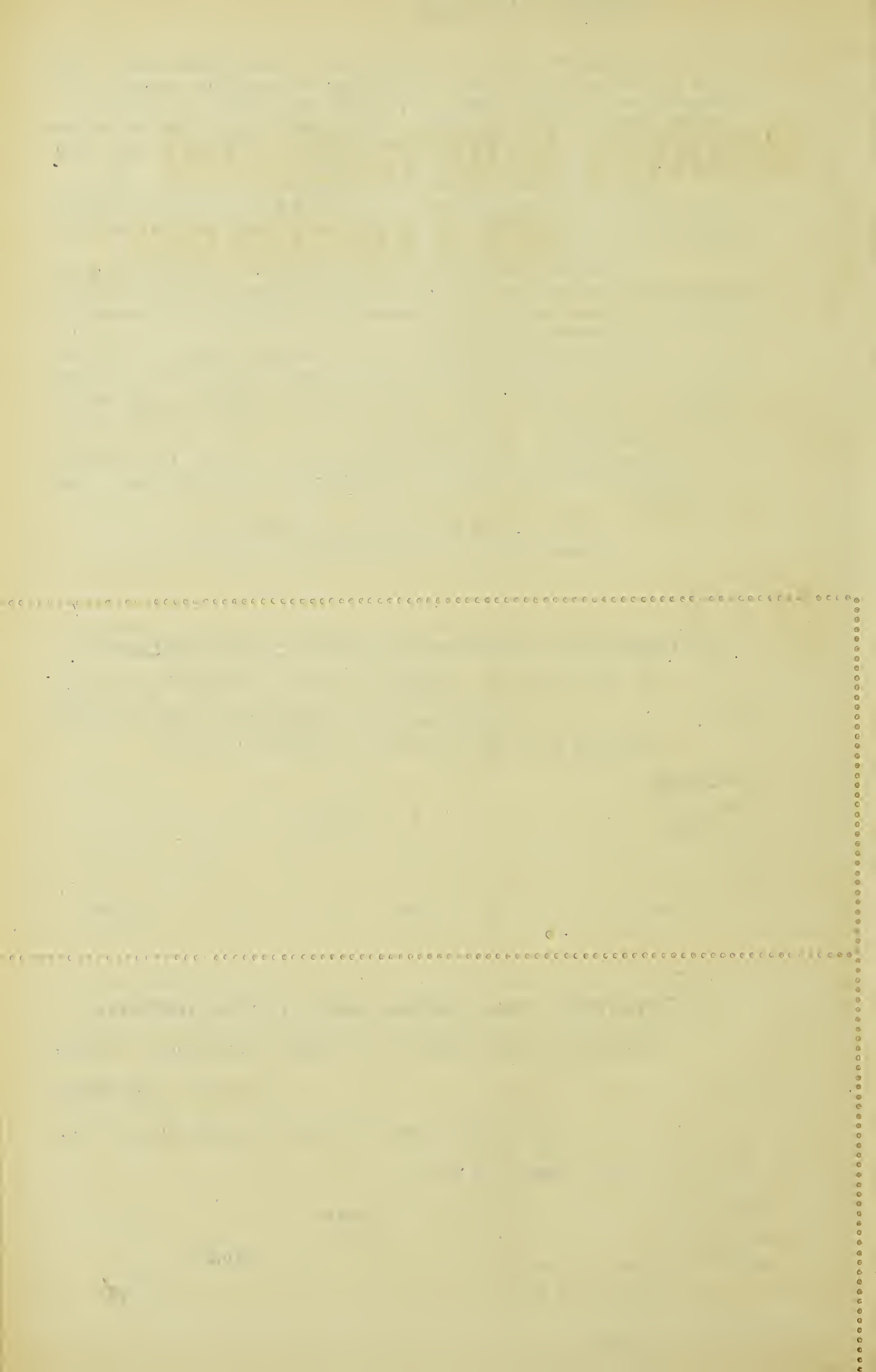
Junto envio sob registro, com valor declarado, a quantia de.....para nova assinatura.....a começar em 15 de fevereiro de 1942 e a terminar em 15 de janeiro de 1943.

Estado.....Cidade.....

Rua.....Num.....

Em.....de.....de 194.....

Nome.....



Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)


FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✎ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas : Rua Ruy Barbosa n. 673

A Personalidade de Jesus

 Ilustres personalidades que constituem a inumerável falange dos Espíritos Superiores, tem baixado à Terra para, com as fulgurações de sua inteligência, iluminar o roteiro que a Providência traçou para a ascensão dos homens aos planos superiores da Vida.

Entre essas personalidades, sem contar aquelas que se impuseram à consideração de todos pelos seus inestimáveis serviços nos diversos ramos da atividade humana, tais como a medicina, a mecânica e as artes, cujo progresso tem ultrapassado a mais otimista expectativa, contam-se, como astros de primeira grandeza, as seguintes, que no momento nos ocorre à mente: Buda, fundador do Budismo; Crisna, o cultivador da teosofia; Maomé, fundador da Religião Mussulmana; Confúcio, filósofo e legislador chinês; Elias, Moisés, legislador hebreu; Sócrates, Platão.

Todos êsses vultos da História foram portadores e guardas-avançada da Imortalidade da alma.

Muito embora seus métodos de iniciação fossem assás severos, repleto de formalidades, não conseguindo, por isso, mais que um reduzido número de adeptos; muito embora seus pensamentos, suas opiniões e determinações na prática, tivessem escapado ao entendimento de seus contemporâneos, por falta de elucidacões precisas e claras, todos êles visavam um mesmo objetivo: a demonstração de um *Deus único*, oniciente, preciente e imutável e a proclamação da sobrevivência individual, da Imortalidade da Alma.

Entretanto, uma personalidade incomparável, tanto em sabedoria como em virtudes e poder, está sobre todos êsses leaders da filosofia e da sabedoria: Nosso Senhor Jesus Cristo, o excelso Missionário.

Ele, que não viera abrogar a lei e as palavras dos profetas, mas dar-lhes cumprimento num sentido mais amplo e mais claro, reforçou, com sua inegalável doutrina e com a simplicidade que lhe era peculiar, as primitivas doutrinas espi-

ritualistas que, como a sua, não passaram sem o enxerto do dogmatismo e do interêsse humano.

Foram tão importantes os feitos de Jesus e êle grangeou tal popularidade que o seu nome é pronunciado com reverência por quasi todos os habitantes da terra.

Profetas e filósofos, sábios e guerreiros tem passado pelo mundo como a herva que hoje nasce e

sertação evangélica ou numa prece fervorosa.

Profetas, filósofos e legisladores tem conclamado a continuidade da vida após o transe que indevidamente denominamos morte. Mas nenhum dêles apresentou factos comprobativos da Imortalidade semelhantes aos de Jesus ; nenhum dêles, com tão decidida coragem, enfrentou os apôdos dos cépticos e



Adoração dos Pastores em Belém

amanhã desaparece. Só o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo permanece vivo em todas as almas, ainda mesmo que elas não possam compreender a sua doutrina tal como Êle a expôs, isto é, em espírito vivificante.

Nas cerimônias religiosas, no fragor das pelejas, nos momentos de aflição, nas praças públicas, o seu nome é pronunciado numa dis-

deu a vida em holocausto como testemunho da pureza de sua doutrina, e nenhum dêles apresentou um código de moral como o seu, moral que constitue por si só o alicerce da verdadeira felicidade.

Sob um sol ardente ou enfrentando intempéries, não cogitando de comodidades, pois que o seu único objetivo era fazer a vontade do Pai com o pleno desempenho de

sua tarefa, êle percorria grandes distâncias prégando o amor com exemplos e por intermédio de parábolas, operando curas assombrosas e prodígios que tinham por escôpo realçar a Imortalidade.

E' assim que o vemos expelir espíritos imundos. Tais espíritos não podiam ser outra coisa senão sêres que já tinham vivido nêste mundo e que depois de considerados mortos, continuavam todavia a existir. E' êste facto um testemunho da Imortalidade. Vemô-lo ressuscitar Lazaro depois de estar êste quatro dias abaixo de uma lage. Porém, não foi o corpo de Lazaro que ressuscitou, mas sim o seu espírito. Vemô-lo ainda evocar os espíritos de Elias e Moisés no Monte Tabor. Se o espírito desaparecesse no túmulo com o corpo, certamente que Êle não teria evocado uma cousa não existente. São, pois, êsses factos inegáveis da vida eterna, que Jesus amiudadamente prégava.

Como se não bastassem essas ocorrências imortalistas, Jesus ressuscitou após o terceiro dia de sua morte, aparecendo à Maria Madalena e depois a seus discípulos com os quais esteve por espaço de quarenta dias, dando-lhes suas últimas instruções.

Nenhuma outra personalidade operou tantas maravilhas como Jesus. Portanto, é justo que não o baralhemos com os profetas, filósofos e legisladores. Sua doutrina é a âncora da salvação, seus feitos são a bússola que nos guia ao pórtico da felicidade.

Uma ocorrência, que não pode passar despercebida, com o risco de incorreremos numa grande fal-

ta, é a que se verificou quando do nascimento de Jesus. Êle nasceu numa mangedoura, símbolo da humildade, para demonstrar ao homem que a humildade deve ser o apanágio de suas justas aspirações. Sem humildade não pode existir fé, esperança e caridade, e nem espírito de sabedoria, e onde não existirem essas excelsas virtudes, imperará o caos espiritual.

Muitos testemunhos de humildade ofereceu Jesus. Andava com publicanos e pecadores, sendo, por isso censurado pelos escribas e fariseus. Pouco antes de sua morte, lavou os pés aos seus discípulos, dando-lhes êste mandamento: «Se eu, pois, sendo Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vos deveis lavar os pés uns aos outros; porque vos dei o exemplo, afim de que, como eu fiz, assim façais vós também».

A personalidade de Jesus é muito superior ao que pôde alcançar o pensamento humano. Basta apontar o facto de Êle penetrar os refolhos da consciência humana, o que sobremodo embasbacava os seus adversários ao fazerem-lhe êstes certas perguntas cujas respostas os emudeciam de tal forma que êles não podiam articular mais palavras, e se retiravam cabisbaixos e decepcionados.

Analizando, em síntese, a personalidade de Jesus e seus feitos, «Revista Internacional do Espiritismo» tem por escôpo prestar uma justa homenagem ao Salvador da humanidade, cuja vinda a êste mundo é comemorada no próximo dia 25, dia que, pela sua excepcional importância, foi denominado — *Natal*.

Fazei esforços para conseguir plantar em vossos corações a árvore do amor que vivifica.

A PROPÓSITO DE «FANTASMAS MATERIALIZADOS» E DE «REVELAÇÕES TRANSCENDENTAIS»

«La Revue Spírite»

(Continuação)

Prof. E. BOZZANO

Relativamente ao fantasma de Estelle Livermoore, recordarei a M. Jean d'Ossau que, respondendo com antecipação á objecção de ser este fantasma por sua vez o produto exclusivo duma personificação subconciente exteriorizada e materializada (prosopopése), eu fazia notar sobretudo duas circunstâncias, das quais eis aquí a primeira:

No decorrer da sessão de 10 de Novembro de 1861, realizaram-se *simultaneamente* três fantasmas materializados; no decurso da sessão seguinte, 12 de Novembro, passeavam *simultaneamente* no aposento, quatro fantasmas materializados. Segue-se que, se nos quisermos ater à interpretação de M. Sudre, dever-se-ia dizer que nessas ocasiões nós nos achamos respectivamente em presença de um fenómeno de *tríplice* e, em seguida, de *quádrupla* prosopopése exteriorizada e materializada!!! Ou mais exactamente, dever-se-ia dizer que nos achamos diante de um fenómeno *quintuplo* de prosopopése *simultânea*, visto que a médium não caía em sono mediúnico, e conservava toda sua consciência. Em outros termos, dever-se-ia consentir que nessas circunstâncias, a personalidade psíquica da médium se haja desdobrado *simultaneamente* em cinco personalidades psíquicas bem definidas, das quais quatro exteriorizadas, materializadas, independentes, vivas, inteligentes e operantes. E' isto que se deveria admitir para poder aceitar a hipótese da prosopopése aplicada aos casos de materialização. Ora, antes de subscrever tal milagre, espero que ao menos me façam conhecer um só exemplo de desintegração patológica duma personalidade, com formação relativa de personalidades alternantes que, em lugar de permanecerem alternantes, tenham sido capazes de emergir e de agir *simultaneamente sob quatro aspectos*. Responder-me-ão que eu exijo cousa psicologicamente impossível.

Eu o sei, mas como este mesmo fenómeno se realiza nas experiências de materialização e nas de «voz-direta», necessário se torna daí concluir que, se o desdobramento *simultâneo* de uma individualidade psíquica em cinco personalidades independentes é uma impossibilidade psicológica, as personalidades *simultâneas* que se manifestam nos fenómenos de materialização e nas de «voz direta» são estranhas ao médium e aos assistentes. E eis-nos, por uma necessidade lógica, forçosamente impedidos para a hipótese espírita.

Sómente o que acabo de dizer é o suficiente para arruinar a hipótese que me opõem, encarando-a de um ponto de vista *geral*. Resta-me observar que do ponto de vista *particular*, ela é igualmente e irrevogavelmente arruinado pelo facto de haver a personalidade de Estelle Livermoore, conseguido demonstrar a sua identidade recorrendo ás melhores provas das quais dispõe uma personalidade de defunto que se manifesta, isto é, mostrando-se, durante muitos anos, sob a mesma aparência — a que tinha em vida — escrevendo centenas de mensagens com identidade de escrita, exprimindo-se em língua estranha, que lhe era familiar durante sua vida e que a médium ignorava, revestindo suas idéias de uma forma nitidamente pessoal, ajuntando a isso provas complementares de natureza altamente sugestiva, como, por exemplo, a reprodução materializada da touca ornada de bordados que ela usava durante a enfermidade que a levou ao túmulo; enfim, reforçando as provas de identificação por meio da produção de fenómenos prodigiosos destinados a provar a intervenção real de personalidades espirituais estranhas aos assistentes.

Que mais se poderia aduzir para se considerar autorizado a afirmar que não podia tratar-se de puro ectoplasma combinado com a «prosopopése

-metagnomia»? Na primeira parte dos argumentos que venho de expôr, eu demonstrei que não podia ser questão dum fenómeno de desagregação psíquica; na segunda parte, complementar da primeira, demonstrei que os numerosos episódios de identificação pessoal, dados por diferentes vezes pela entidade que se manifestava durante o longo período de três anos, constituíam uma série de excelentes provas encadeadas que, examinadas em seu conjunto, não podiam ser logicamente explicadas senão de uma só maneira: a de admitir a presença real no local de uma entidade espiritual estranha à médium e aos assistentes; e essa entidade nada mais podia ser do que o espírito da falecida mulher do banqueiro Livermoore.

Restava o terceiro caso, o da celestial «Népenthès». Meu crítico dêle não fala, se bem que a afirmação por êle combatida esteja fundada sôbre três casos clássicos considerados em seu conjunto. Se o meu crítico fosse um adversário irreductível, como o outro que combati na obra de que se trata, eu concluiria que êle propositalmente excluiu o caso, porque êle continha um episódio que por si só bastaria para demolir irreparavelmente a hipótese da «prosopopése-metagnomia», forçando-o a admitir, sem reservas, a hipótese espírita. Mas como meu crítico não é um adversário dessa sorte mas antes um perquiridor sério, livre de idéias preconcebidas, animado pela louvável intenção de proceder com a maior prudência na investigação das causas, eu fico perplexo, e não me posso explicar por que razão êle contesta minhas conclusões sôbre o assunto, sem ter em conta o conjunto dos factos sôbre os quais as fundei.

De todo modo, lembrarei que o episódio em questão consiste no facto, teoricamente decisivo de o fantasma materializado de «Népenthès», que, em plena luz, em presença duma trintena de experimentadores, atendendo ao pedido de um deles, escreve no caderno dêsse experimentador, u'a mensagem formulada em *grego antigo, língua ignorada de todos os assistentes*; detalhe maravilhoso e que ainda servia para confirmar as decla-

rações precedentes do fantasma, que dissera ter vivido no decurso do período heroico da antiga Grécia.

Lembramos aqui a M. Jean d'Ossau, a objeção por êle formulada, segundo a qual «a questão é de saber se essas personalidades efêmeras que se movem, agem, falam e escrevem são modeladas pelo médium em estado subconciente imitando individualidades dêle conhecidas (ou que lhe são desconhecidas, mas cujos elementos êle extrairia do psiquismo dos assistentes). Lembremô-la, esta objeção, afim de fazer observar ao meu crítico que para o episódio de «Népenthès» ela não se ajusta, visto que nenhum assistente conhecia a língua grega antiga e que o subconciente da médium não podia, pois, captar na mentalidade dos assistentes os conhecimentos que ela mostrou. — Portanto, também para êste terceiro caso, a origem estranha à médium e aos assistentes, ou espiritual, da individualidade pensante, animadora do fantasma idioplástico de «Népenthès», está bem demonstrada.

Aqui devo deter-me e concluir convencido de ter demonstrado abundantemente que eu tinha minhas boas razões para afirmar que os três casos clássicos, mais acima expostos, são, por si sós, suficientes para demonstrar a existência e sobrevivência da alma. Mas também devo considerar a última objeção formulada por M. Jean d'Ossau. Seria supérfluo discutí-la se ela unicamente se referisse ao caso em aprêço. Mas como ela pode ter um alcance geral, não posso deixar de discutí-la, afim de eliminar, de uma vez para sempre, demonstrando que ela é errônea e sem fundamento, porque provém do conhecimento imperfeito das manifestações especiais, ás quais se reporta o meu crítico.

M. Jean d'Ossau continua dizendo:

E. Bozzano julga o caso Livermoore ainda mais probante que o de Katie King, seja por ter sido êle examinado por maior número de experimentadores, seja pelos múltiplos detalhes que êle comporta, seja ainda pela sua longa duração. E, visto isto, não nos assiste o direito de perguntar porque é que no curso de tão numerosas ex-

periências, jamais as entidades tenham dado informações sobre a existência no Além?

Conheço antecipadamente a objeção que se opõe a esta exigência legítima, por tê-la eu mesmo empregado numa brochura sobre o «Espiritismo experimental». Os planos em que vivem os desincarnados são tão diferentes do nosso, que impossível se lhes torna dar-nos uma idéia exata de seu gênero de vida.

As pessoas que desejam, de muito boa fé, a *prova crucial*, de que fala M. Bozzano, em favor da hipótese espírita, ficarão, talvez, decepcionadas por essa carência formidável e contínua sobre a qual se guarda um silêncio tacitamente convencional. Elas não deixarão de notar que, por falta de precisão absoluta sobre sua vida imaterial (ou assim presumida), se seus fantasmas realmente foram animados por seus Espíritos, êles teriam podido fazer um esforço para nos documentar sobre este ponto, diferentemente que por dissertações vagas como as das comunicações supranormais correntes, e isto socorrendo-se de comparações, analogias, indicações destinadas a nos desvendar o Grande Enigma...

Outra objeção a que me apego: As entidades em questão talvez não estivessem suficientemente evoluídas para nos informar sobre matéria tão

delicada, ou para isso não tenham autorização.

Na última suposição, elas não teriam deixado de dizê-lo, e interessante seria saber em que consistia exatamente e de que provinha esta interdição.

Na primeira suposição, necessário, pois, seria admitir que jamais um Espírito elevado se haja manifestado, e que Franklin, se foi êle que se materializou naquelas circunstâncias, subsiste num plano inferior.

Que dizer duma Entidade que tomasse aparência do fantasma de León Denis, fornecendo sérias provas de identidade... e que só ficasse nisto?

Os metapsiquistas teriam razão, então, de pretender que as precisões de semelhança psíquica e moral do fantasma emanariam do psiquismo dos assistentes e do médium, e teriam razão de sustentar que, em todo o caso, a prova absoluta da hipótese espírita ainda está por ser feita.

Será que, mesmo em presença de informações da ordem de que falo, tenha sido dada, pelas entidades E. Livermore e Franklin, a *prova crucial* em questão? Ainda não, visto não podermos controlar-lhe a exatidão. Mais ou menos, pela sua atitude mais explicável, mais verossímil, estamos o mais próximo possível. Que pensa disto M. Bozzano?

(A seguir)

A Ação dos Passes Magnéticos

H. Magalhães

(Continuação)

Vamos fazer a análise da cura praticada na doente desenganada pelos médicos, e posteriormente curada pelos passes magnéticos aplicados pelo Dr. M. Emile Magnin; descrita por Charles Richet e transcrita em o nosso artigo anterior.

Verificamos que três médicos em consultas separadas dão o mesmo diagnóstico e concluem pela perda irreparável daquela mulher. Em desespero de causa, — é Richet quem o diz — o que quer dizer, quando a doente está nas últimas, — o Dr. Levy diagnostica que não há esperança algu-

ma de cura, — é então chamado o médium passista Dr. Magnin. Êste atende ao apêlo e começa o tratamento pelos passes magnéticos. A 15 de Maio, estava a doente definitivamente curada da sua tuberculose pulmonar e peritonial. Assombro! dirá quem ler esta narrativa. Nada disso. São as forças da natureza que o nosso Criador pôs a nossa disposição, as quais quando aproveitadas inteligentemente pelos homens podem fazer maravilhas.

O magnetismo animal, aliado ao espiritual, quando ha boa vontade e um coração a pulsar no desejo de

aliviar o próximo, pode fazer maravilhas. O próprio Cristo nos anunciou há dois mil anos que muitas coisas podíamos fazer. «Em verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas». Êvangelho de S. João.

Eis as conclusões a que chegou o grande sábio, na apreciação desta cura.

Detenhamo-nos, — diz o Dr. Charles Richet — nesta história. Em primeiro lugar ela é autêntica, pois não se pode considerar M. Magnin ingênuo ou mentiroso. Conheço M. Magnin pessoalmente, é de uma honestidade escrupulosa e sua sagacidade de observador e de crítico, é incontestável. E' preciso, pois aceitar os factos. 1.º — Uma doente cujos pulmões estão tuberculosos, que tem uma lesão óssea da coluna vertebral e uma paraplegia devida a uma compressão medular (mal de Pott) (tuberculose óssea) curada em três meses e curada completamente; os quatro médicos que a examinaram não hesitaram sobre o diagnóstico e sobre um prognóstico rapidamente fatal. Ela estava, pois, absolutamente condenada, e, no estado atual da ciência médica, não havia dúvida de que jamais se pudesse salvar um doente tão grave.

2.º — A presença da linda senhora (espírito que aparecia à vidente) teve conexão com a cura. Mlle. B. ouviu-a, viu sua mão carregando uma luz e sentiu mesmo o seu contacto. Sim, foi sem dúvida uma alucinação. (O Dr. Richet era, a esse

tempo um céptico, quanto aos fenômenos espíritos). E' uma alucinação bem singular, pois que indicou a cura inacreditável.

3.º — Que dizer da pálida auréola que M. Magnin viu em redor da cabeça da doente? Se se quisesse, a toda a força, encontrar explicações racionais dêsses factos estranhos, seríamos forçados a dizer: 1.º — Que os médicos diagnosticaram mal de Pott, quando não éia mais que histeria. 2.º — mesmo atacados do mal de Pott e de tuberculose, os doentes algumas vezes saram (em três meses?) 3.º — A linda senhora não passa de imaginação de Mlle. B. 4.º — A auréola não passa de uma alucinação de M. Magnin. Mas, vê-se imediatamente a que ponto essas suposições são absurdas. Mais vale reconhecer francamente que nada compreendemos».

Na sua rude franqueza o sábio como que desespera por não poder dar uma solução, segundo a ciência terrena, a essa cura fantástica, produzida pelos passes magnéticos espirituais. E então rende-se à evidência. Contra factos não há argumentos.

— Deduz-se dêste pequeno resumo que os nossos irmãos desincarnados cooperam eficazmente na cura e alívio dos entes humanos. Devemos fechar-lhes as portas quando êles nos querem aliviar das doenças e curar? Isso seria um contrassenso e uma aberração da boa moral. E' faltar com a caridade ao próximo e proibir o meio de socorrer os doentes, principalmente os pobres e indigentes.

(*Continua*).

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções encadernadas, com lombo de couro, da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços:

1.º ano — 100\$000 ;	2.º ano — 40\$000 ;	3.º ano — 100\$000
4.º ano — 35\$000 ;	5.º ano — 30\$000 ;	6.º ano — 40\$000
7.º ano — 40\$000 ;	8.º ano — 40\$000 ;	9.º ano — 100\$000
10.º ano — 40\$000 ;	11.º ano — 50\$000 ;	12.º ano — 50\$000
13.º ano — 50\$000 ;	14.º ano — 50\$000 ;	15.º ano — 50\$000.

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXXVIII —

A Verdade é só uma...

Duas fôrças inquinadas dos mesmos vícios e defeitos, porque irmanadas pela mesma expansão de orgulho e exclusivismos, porque conjugadas sob a mesma plethora de irracionalidades e prepotências, aí estão em choque, ainda hoje, qual a qual se supondo, pretenciosamente, possuidora da Verdade: a Igreja de Roma e a Ciência Materialista! E a Verdade, esta maravilha cheia de grandiosidades e belezas, por isso mesmo que o próprio Cristo, o Mestre dos mestres, calara, diante de Pilatos, a mais perfeita, quiçá, das definições que dela poderíamos ter; a Verdade vai sendo — coitadinha! — apunhalada em pleno coração por uma e outra. Punhaladas que são as mil e uma tolices e irracionalidades que uma e outra vão por aí dizendo em nome da Divindade e da Sabedoria!

A Igreja, em nome da Verdade, creou dogmas absurdos, escorados em milágres e mistérios que só existem para a ignorância humana, como documentação da fé cega, geradora de passivos e fanáticos. Para a imposição de seus dogmas e domínio absoluto, temporal e espiritual, armou as celebérrimas cruzadas, creou a Companhia de Jesus, o tribunal da Inquisição e as guerras religiosas. E, *ad majorem Dei Gloriam*, viu-se correr sangue humano em caudal, na mais solene profanação da Divindade e de suas Leis de amor e de justiça! no mais doloroso insulto à Civilização!

A Ciência materialista, à parte o sangue humano que tem derramado, as vidas de animais e de homens que tem sacrificado nas suas experiências e investigações, apresenta-nos, a cada passo, quantas mentiras apresentadas, ontem, como verdades científicas! quantas «verdades» modernas, científicas, que serão, de futuro, outras tantas ilusões! E, simultaneamente, vai-se arrogando o direito de, por seus sábios e cientistas, condenar tudo aquilo que não passou pelo cadinho de suas investigações materiais, que é bem o caso da existência do Espírito, que não deixará,

entretanto, de existir, só porque ela o nega. Ptolomeu negou, também, em nome da ciência astronômica, o movimento da Terra, a afirmar «não conhecia maior estupidez». Lavoisier, em nome da ciência objetiva, negou a existência dos bólidos, a asseverar «não ser possível cair pedras do Céu». Foi agindo cientificamente que o venerável Bouilleau quis, dentro da academia de medicina e ciência de Paris, esganar o representante de Edison que ali exhibia o fonógrafo recém-inventado, a gritar, indignado: «Miserável, não nos deixaremos ludibriar por um ventríloquo». Paul Gibier conheceu muitos discípulos de Pasteur que, em nome da Ciência, garantiram «era impossível a existência do micróbio». Uma comissão de sábios franceses, geólogos e biólogos, chamada à Martinica, assegurou, em nome da Ciência, ser impossível uma erupção do *Mont Pelé* dentro, no mínimo, de um século. Dois dias depois, foi a última catástrofe vulcânica daquela ilha, da qual só duas pessoas escaparam com vida. Em nome da Ciência, os sábios modernos, Abel Rey e Brener acabam de destruir o princípio de Lavoisier, sentenciando «já não é científico repetir que nada se perde e nada se crêa na natureza».

A arqueologia classificou, cientificamente, em fins de 1933, uns vasos de porcelana encontrados numa excavação na China, como raridade arqueológica de 30 séculos a. C. Um ladrão, casualmente capturado por ali, confessou e provou que a porcelana havia sido roubada e enterrada por êle. Nosso ilustre patrício, dr. Carlos Pontes, reformou, em nome da Ciência, todas as teorias a respeito da microbiologia, e da hereditariedade na tuberculose, que a medicina vinha, ha séculos, afirmando. E Einstein, de mãos dadas ao astrônomo belga, Lamaitre, já provaram, dentro da «teoria da relatividade», que está errada toda a concepção científica do Cosmo, criando nova cosmogonia. Para demonstrar a falacidade da ciência materialista, negadora de tudo que lhe não impressiona os sentidos materiais, Paul Gibier pergunta-lhe porque uma quantidade

de álcool reunida à outra de água não correspondem, exatamente, ao peso somado das duas quantidades primitivas...

Ora, uma ciência que ainda não tem consciência de si própria; que deixa, ainda, fenômenos materialísimos sem solução; que ainda desconhece o átomo astronômico; — a Terra em que vivemos; que conhece ainda mal o organismo humano — e Alexis Carrel aí está, com a autoridade do maior fisiologista da época, a afirmá-lo! — uma ciência assim, só por pretensão e fatuidade pôde arvorar-se feita a única verdade em sabedoria revelada! Só por fatuidade e pretensão nega aquilo que desconhece, por negar-se a estudar-lhe a natureza e essência; por não o ter estudado suficientemente! Só por inépcia ou má fé pôde alegar descrever, por exemplo, de Deus, porque Deus não foi encontrado cavalgando uma estrela nas investigações dos astrônomos, ou de mistura com as terras nas escavações geológicas! Só por má fé e inépcia pode a ciência materialista afirmar que o espírito não existe, porque uns sabiozinhos cheios de sabedoria livresca, de formalidades e exclusivismos, não o viram. Pode ajustar a classificação de simplório, ignorante e analfabeto a quem — sábio ou sem sabedoria nenhuma — afirme o contrário, oferecendo provas concretas de que já viu, e ouviu, e examinou o espírito; já foi, até, curado e beneficiado pelos espíritos! Só por leviandade científica pôde alguém, em nome da ciência, rir dos espiritualistas; «Um sábio que ri do possível — diz Vitor Hugo — está perto de ser um idiota». Ou já o é? E será sábio mesmo? — perguntamos.

A Verdade é una e única, integral e individual, embora se nos apresente sob aspectos religiosos, fisiológicos e científicos. Por isso que Camilo Flammarion proclamando, cientificamente, a existência de Deus e do Espírito, com argumentos que não foram nem serão destruídos por nenhum cientista e nenhuma ciência materialista, nas obras DEUS NA NATUREZA e A MORTE E SEU MISTÉRIO, ambas admiráveis de lógica e documentação científica, termina assegurando que a religião do futuro tem de ser científica e a ciência religiosa, se quiserem ambas colimar seus objetivos...

A moral científica — disse Poincaré — não existe. Por isso que a ciência divorciada da fé racional e pura não fez

e nunca fará a felicidade humana, nunca o homem atingiu, através das idades e das civilizações, maior desenvolvimento científico do que no século das luzes em que vivemos. Entretanto, a humanidade nunca se sentiu tão desgraçada e destruída à força da própria ciência, que culmina na arte de destruir pela guerra! Porque tamanho desenvolvimento na arte de destruir cientificamente, enquanto, cientificamente, nem um pequenino código da felicidade, o século das luzes, que aí está, já produziu? E porque a Igreja, a despeito de prégar a existência de Deus e a imortalidade da alma, não tem poder para iluminar inteligência e sacudir corações contra o descábro da guerra? Porque falta a ambas o necessário complemento. A' ciência, a necessária espiritualização conciente, que livre seus postulados do critério «absoluto» dos sentidos materiais. A' religião, a lógica necessária, científica e racional, que acredite seus ensinamentos supra-normais. Para livrar-se de complicações, a mais pretenciosa das religiões creou mistérios, dogmas e milagres, com que pretende explicar o que, para ela e perante a razão humana, não tem explicação. E a mais arrogante das ciências, a do sr. Augusto Comte, ressalva que não cogita das causas primárias ou finais dos fenômenos por serem inacessíveis tanto quanto inoquas». Não pôde ter, por isso mesmo, nenhum direito de negar peremptoriamente, aquilo que outros sábios e outras sabedorias cogitaram a respeito dessas mesmas causas primárias e finais... Não vemos com que direito e autoridade esta cienciazinha mirim, e seus sabiozinhos, vão invalidando a fé que investigaram, perquiriram e examinaram para serem. Com o direito que lhe confere gratuita pretensão, embora continuem «mimoseando» com o lábio de ignorantes áqueles que creem livres das pês do clericalismo, condenando, aliás, o *credo quia absurdo*, da Igreja. A'queles que repelem, racionalmente, o materialismo da ciência oficial a propósito, principalmente, do mundo psíquico, da imortalidade da alma e da existência de Deus.

«Com o que desconhecemos das leis universais — escreveu Faraday — poderemos criar um mundo». Entretanto, a nossa presumida ciência oficial quasi tudo, ignora ainda, das leis universais, a partir mesmo do sistema planetário a que pertence a nossa minúscula Terra; de 80 % de

coisas desta mesma Terra, do organismo humano e de seu mundo espiritual. Agora mesmo, em nome da ciência astronômica, proclama-se, na Conferência Oceanográfica Ibero-Americana, que «o Sol é um planeta e é frio»...

Sábio de verdade foi Crookes. Deu sua palavra de honra à *médium*, Florence Crook que proclamaria, *altissima voce*, as verdades que, porventura, descobrisse nas suas investigações a respeito da Imortalidade. Cumpriu sua palavra de honra, seis anos depois de investigações seríssimas, confessando com lealdade e ciência as verdades que observou sómente explicáveis pela existência do Espírito. Sábio de verdade foi Lombroso, o grande criminalista italiano. Convidado pelo prof. Chiaia para estudar os fenômenos psíquicos com a célebre Eusapia Paladino, teve a hombridade de, após uma década de investigações criteriosíssimas, confessar a veracidade científica dos fenômenos que assistiu! E reformar, posteriormente, todo o seu sistema criminalista baseado em falsas teorias materialistas. O sistema criminal, entretanto, lombrosiano aí em curso, é, ainda, o primitivo, o materialista,

porque o Lombroso espiritualista, como o Crookes espiritualizado, foi negado pelos próprios sábios, seus contemporâneos!

Enricheirados na sua cultura livresca, sem quererem observar, perquirir e examinar, os sábios patrícios, ainda mais mirins, continuam negando, sistematicamente, sob alegações ridículas de que «o espírito não existe, porque ninguém já o viu «sinão por ilusão de ótica, ou imaginação psiquiátrica de imaginação», a atestar, implicitamente, uma vastíssima ignorância dessa bem mais vasta literatura psíquica que anda abarrotando as bibliotecas de estudiosos sensatos e cultos.

Entre os que negam sem análise e sem exame — os cépticos e materialistas —; e os que, sem exame e sem análise, creem por imposição de dogmas, não ha que distinguir: são todos passíveis dos mesmos êrros.

«A fé só é fé quando póde encarar de frente a razão em todas as épocas da humanidade».

«A ciência só é ciência quando procura estudar os factos que se lhe apresentam, perquirindo as suas origens e finalidades».

Aquí e Agora

Campos Vergal

Aquí é sempre o lugar onde nos encontramos; e como espíritos imortais que somos, *aquí* tanto pode ser no plano físico como no hiper-físico ou astral. Os espíritos desencarnados estão também no seu *aquí*.

Agora é o presente, é a eternidade no presente. O passado é um sonho; quasi sempre um museu de lembranças, um arquivo de tradições, de uma infinidade de cousas, às mais das vezes, inúteis, com as quais atravancamos o cérebro, e às quais nos amarramos excessivamente. O futuro é uma convenção, uma fantasia; na realidade não existe. Os próprios desencarnados estão no seu presente e não estão vivendo no futuro.

Procuremos, pois, viver com inteligência, com harmonia *aquí e agora*, que a Eternidade está no Presente.

* * *

— E' o Espiritismo uma doutrina estática?

— Uma doutrina, que se fundamenta na evolução, na liberdade de consciência, de pensamento e na livre análise das cousas, não póde ser estática; o Espiritismo é essencialmente dinâmico.—As religiões são estáticas e se caracterizam particularmente pela existência de dogmas, de um deus antropomorfo, de imagens ou rituais, de liturgias, de orações estandarizadas (mecanicamente recitadas), de autoridades com hierarquia eclesiástica e, maximé, pela imposição de ameaças e castigos temporários ou eternos, com um fundo sempre nebuloso, onde predomina o mêdo, embora muitas vezes travestido com ou-

tras denominações, como: respeito, amor, temor, veneração, etc.

Inteligência e cultura são cousas muito diferentes. — A felicidade do indivíduo está na razão direta do desenvolvimento da sua inteligência; e todos a possuem, até mesmo os próprios animais. A meditação e o espírito profundo de observação desenvolvem a inteligência, que é incompatível com o medo, com o desespero e com o ódio, quando plenamente em ação ou amplamente desabrochada. — Um indivíduo analfabeto pode perfeitamente ser muito inteligente e um homem intelectual pode ser pouco inteligente.

A cultura é de ordem externa; consegue-se em viagens, em livros, em sociedades, em academias. É de natureza intelectual; agindo neste caso a memória visual, auditiva ou retentiva. A cultura intelectual sozinha não resolve os problemas do homem. Veja-se a Europa: excessivamente intelectualizada, pleiôticamente culta, conduziu-se para um oceano de sofrimentos.

A intuição e a inteligência caminham e crescem juntas. Não será, pois, de se admirar que consideremos a intuitiva a mais feliz das mediunidades.

* * *

As religiões influem beneficentemente no espírito humano?

— Na atual loucura euro-asiática, que envolve em lama, sangue, destruições e fome povos de dois grandes continentes (um, gigantesco pela cultura e outro pela extensão geográfica) trucidam-se homens de todas as

religiões: brâmanes, budistas, mulsumanos, zoroastrianos, católicos, protestantes, ortodoxos, maronitas... e não é a primeira vez, pois, em todas as guerras, em todos os tempos e em todas as regiões, os povos (sempre religiosos e quasi sempre fanaticamente religiosos) atiram-se furiosamente uns contra os outros, na ignorância global dos «motivos conducentes à guerra»; motivos econômicos, religiosos e outros, todos, porém, fundamentados em torpes explorações.

E os deuses «todo-poderosos», os «pais de infinito amor e misericórdia», os «bondade-infinitas», quer se chamem júpeter ou brâma, tupan ou alá, apolo ou jeová, são impotentes, incapazes, de evitar o explodir de granadas ou um simples desastre de trens. É que todas as religiões se bitolam nos mesmos trilhos: medo, imposição, promessas vagas, deuses nebulosos, autoridades... E todos eles se mantêm, como sempre se mantiveram, surdos, mudos e cegos ante todas as misérias e todos os dramas dos homens e dos animais... E à custa dessa mudez, dessa surdez e dessa cegueira, as religiões organizaram-se e passaram a ser indústrias de explorações econômicas e mentais.

Daí, cheguei às seguintes conclusões: a) o Espiritismo é ciência, é filosofia, é esclarecido movimento libertador-social, instrutivo e educativo; b) as religiões são gaiolas, umas grandes outras pequenas, estas de madeira, aquelas de metal, porém, gaiolas que prendem pobres aves humanas...

E eu quero voar livremente com as azas do pensamento pelo Infinito!

O que penso do Espiritismo

O Espiritismo para mim, não é uma escola filosófica, nem uma religião, nem uma ciência; é muito mais do que isso tudo: é a simples característica dum estado evolutivo que não pode limitar-se, porque o homem progride sempre.

Penso que, num futuro muito próximo, deve ter uma expansão e preponderância mundial e, se atualmente ainda a não tem, é porque nêle, como em todos os campos da atividade humana, ha sempre quem se lhe dedique por simpatia, mas sem querer tirar o esfôrço que só nasce da íntima convicção.

MARIA O'NEILL.

Provas da Sobrevivência

J. B. CHAGAS

«Aos Factos ! Aos Factos !» (Flamarion).

— IV —

«Nada de frases, nada de dissertações e de hipóteses : factos !» disse Flamarion — acrescentando : «Negar é comodo, mas não é científico ! Descurar observações sob o pretêxto de que elas são raras e excepcionais é um êrro e é anti-científico.

Corroborando a opinião do sábio francês, *Lamarck*, escreveu na sua «*Filosofia Zoológica* : » «Salvo os factos, tudo o mais não passa de opinião. Para o homem só serão verdades positivas os factos que êle puder observar». E como não ha um facto espírita que não possa ser observado e patenteado, o papel da ciência especulativa deve ser : investigar, investigar sempre, procurando seguir o conselho do Cristo : — «Procurai e achareis» e o adágio antigo que diz : «O homem agita-se e Deus o conduz», ou ainda o acêrto de *Laplace* : — «O que sabemos pouco é; o que ignoramos, imenso».

Através das deduções e das observações é que terá de avançar toda ciência, sem contudo negar o subjetivo realizável.

O insigne filósofo *Francisco Bacon*, previra com grande sabedoria a vitória progressiva da observação e da experiência em todos os ramos do conhecimento humano, exceto quanto à pesquisa do futuro que estava reservado à alma, porque, dizia, *è um problema do domínio da Fé religiosa...* cometendo o mesmo êrro de *Augusto Comte*, que também negou se pudesse conhecer a constituição química dos astros...

Assim, para muitos, para os *Tomés* contemporâneos, só é real o que é objetivo. O que fôr subjetivo em nossa sensação não é real. No entanto, o homem, forçado por circunstâncias imperiosas, ou seja pela sua própria ignorância ou miopia mental e espiritual, é obrigado a acreditar em muitas coisas subjetivas. O azul do céu, tão decantado pelos poetas, o professor *Picard*, que foi até à estratosfera, não o encontrou ! Embora êle veja a sombra, a sombra não existe, não

é uma coisa real. Onde a realidade do arco-iris, que é visto, medido, analisado e fotografado ? Onde a realidade do eixo *imaginário*, em torno do qual, segundo todos os compêndios de Geografia, gira o planeta em que habitamos e que todos nós somos obrigados, dêside a infância, a acreditar ?

O aparente é a sombra do real — dizem. A aparência, apresenta-se, pois, como a projeção da realidade das coisas que é preciso considerar, no afan de indagar. Agora, não devemos esquecer que, na apreciação dos factos, cada um os apreende de modo diferente, segunda a sua elevação e grau de adiantamento da faculdade de sentir e de observar.

Queiram ou não queiram os «balizadores da estrada do progresso», ha de ser através do esforço dos homens de boa vontade, estudando, perquirindo e investigando, que haveremos de chegar *àquele dia* pelo qual suspirava o grande fisiologista francês *Claude Bernard*, quando dizia : «Estou persuadido de que dia virá em que o fisiologista, o poeta e o filósofo falarão a mesma linguagem». Disso também estamos seguros, dizemos nós, pois, não ha coração que não haja pensado seriamente, siquer por um momento, no que será o dia de amanhã, quando forem *rotos* os laços da matéria... *À*-pesar das alegrias estonteantes que a Terra oferece, por vezes, o sêr terreno é levado a conjecturar consigo mesmo : O que sou ? Donde vim ? Para onde irei ? São interrogações que bailam dentro de todo coração humano à espera de uma revelação que lhe satisfaça a ansiedade.

Essa incerteza do futuro e da própria vida, faz a criatura passar maus pedaços e procurar, por todos os meios, algo que venha preencher êsse profundo vácuo. A êsses o Espiritismo diz : «O corpo passa. A alma vive no infinito e na eternidade», repetindo com *Pitágoras* : «A morte é nossa sorte comum. As riquezas materiais adquirem-se e perdem-se. Baseia a tua vida na mais pura justiça ! Se irre-

preensível para o próximo como para contigo».

* * *

Aos factos, pois, porque nada fala mais alto do que a eloquência de um facto, e com êstes dois, encerramos esta série de considerações sôbre a sobrevivência da alma visto como a quantidade nada representa, só nos preocupando a qualidade.

O primeiro trata de uma auto-premonição de morte de um menino de dois anos de idade, ao qual aparecia um irmãozinho desencarnado aos oito meses, facto êste que foi estudado por *Ernesto Bozzano*, *Hodgson*, e outros pesquisadores, cujo relato é feito a *Camilo Flamarion* pela mãe de ambos, nos seguintes têrmos: — «Existirá uma vida de além-túmulo? Se eu disso duvidasse, minhas dúvidas ter-se-iam desfeito perante as «visões» que testemunhei. Em 1883 era eu a mãe feliz de dois meninos belos e robustos. O mais velho tinha dois anos e sete meses; o outro era um anjinho de oito meses: perdi-o no dia 6 de Agosto de 1883 e fiquei com o pequeno Ray o qual gosava então perfeita saude. Todavia, desde o dia em que falecera seu irmãozinho, tomára o hábito de me dizer várias vezes por dia: «Mamãe, o irmãozinho está chamando Ray». Muitas vezes largava os brinquedos para correr ao meu encontro, gritando a frase habitual: «Mamãe, o irmãozinho está sempre chamando Ray». E de noite êle acordava para repetir ainda a mesma frase: «Mamãe, o irmãozinho está mesmo chamando Ray; êle quer que vá com êle; mas você está chorando? Por quê? Você não deve chorar, quando Ray fôr com o irmãozinho porque o irmãozinho quer». Um dia em que estava a vigiar a limpeza da sala de visitas, veio a mim correndo da sala de jantar onde estava a cadeirinha que pertencera ao irmãozinho morto; nunca o vira tão excitado; agarrou-me pelo vestido e puxou-me para a sala, gritando: «Mamãe, mamãe, vem depressa, vem ver o maninho sentado na cadeirinha». No momento em que abria a porta para mo mostrar, êle exclamou: «Oh! mamãe, era preciso vir mais depressa... Já não está mais! Se você tivesse visto como êle sorriu para Ray, quando Ray passou perto dêle! Ray vai com êle; mas você não deve chorar mamãe». Pouco

tempo depois nosso filho adoeceu gravemente; nossos cuidados e nossas lágrimas não surtiram efeito: a 13 de Outubro de 1883, dois mêses e sete dias depois da morte do irmão, falecia êle também. Tinha uma inteligência muitissimo superior à sua idade».

* * *

O outro de que nos ocupamos hoje prova a faculdade que o espírito possui e que lhe permite produzir ruidos e outras manifestações de ordem física; a continuação das suas idéias católicas no outro plano da vida; sua tranquilidade, enfim, depois de satisfeito no que queria. Consta de uma carta, do Snr. A. T., dirigida a Flamarion, no dia 25 de Maio de 1899, que é a seguinte: «Permita-me comunicar-lhe um facto pessoal para seus estudos tão instrutivos. Tenho quarenta e dois anos. Tive educação religiosa mas infelizmente para mim perdi a fé depois de inúmeras desgraças que me feriram durante longos anos... ferindo-me ainda sem trégua nem mercê. Quasi não creio mais... porém educo meu filho como fui educado, feliz por ver-lhe esta fé e êstes sentimentos religiosos que fizeram minha felicidade na juventude. Por conseguinte, não existe em mim opinião preconcebida, nenhuma sugestão, por consequência análise bem fria do que segue: Ha dez anos, às 2 horas da madrugada, meu pai faleceu subitamente nos meus braços. Tudo foi feito religiosamente e missas foram ditas por sua alma; talvez não tivessem sido em número suficiente. Seis mêses depois, uma noite, eu e minha mulher fomos acordados por ouvir raspar energicamente a armação da cama. Depois, cada noite, recomeçava na mesma hora, mas ouvia-se raspar ora num lugar do quarto, ora noutro. Cada noite, saía do leito, acendia o gaz mas nada via. Mandei vir o armador, desarmaram a cama, as cortinas, o docel, pois julgava que fossem camondongos mas qual, nenhum sinal. Ora, nas mesmas noites, na mesma hora, minha mãe, que habitava nossa propriedade, era despertada por um bater de azas no seu quarto. Como bem se compreende, não havia também nenhum sinal no seu quarto. Pensámos em meu pai, mandámos dizer missas e dêside então nunca mais ouvimos nada. Acrescento mais: Quando desperto de noite, é sempre às 2 horas da manhã. Acrescento a mais que na segunda ou ter-

ceira noite em que fomos despertados, minha mulher pensou em meu pai e mo disse. Logo e sem o menor receio eu disse em voz alta: «Papai, se és tú, aparece ou fala». Cessou logo o ruido. Quanto a mim possuindo um sangue-frio, que dizem extraordinário, não duvido dessa quasi-aparição, pois estou persuadido de não ter sido auto-sugestionado, tendo analisado minhas impressões no momento em que elas se davam. Isto se passava em Bordeaux, em 1889. (Meu nome é só para si)». A. T.

* * *

Concluindo esta série, temos analisado factos espíritas de quatro categorias — mortos que voltaram em busca de missas, para realizar um desejo insatisfeito, dar avisos, premonições, etc.

Que êles tenham podido aproveitar ao estudo daqueles que se interessam pelas coisas da Doutrina, são os sinceros votos que formulamos, no afan de fazer com que a luz do conhecimento chegue à tôda inteligência.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA



S estatísticas quando, sob as vistas do observador arguto, apresentam a documentação necessária para comprovar o resumo que mostra, e seus quadros, nada mais são do que o espêlho fiel onde se refletem as imagens dos bons ou maus resultados, do progresso ou regresso daquilo que se pretende expôr.

Durante três anos consecutivos apresentámos os resultados obtidos no Sanatório Espírita de Uberaba, expondo com critério e isenção de ânimos, o movimento de enfêrmos, por Estados de origem, diagnósticos, estado civil, côr e religião.

Os diagnósticos, nos quais incluímos as *obsessões* e a religião professada pelos enfêrmos constituem o principal fator dêsses trabalhos apresentados, dessas estatísticas que devem chamar a atenção dos homens de ciência.

As *obsessões*, pelo que nos parece, é a primeira vez que surgem nos quadros das classificações científicas, por enquanto, apenas des-

pertando sorrisos de mofa e zombaria, em vez de despertar o raciocínio e o desejo de observação, o que, aliás, será conseguido em um futuro bem próximo.

As religiões professadas pelos



DR. IGNACIO FERREIRA

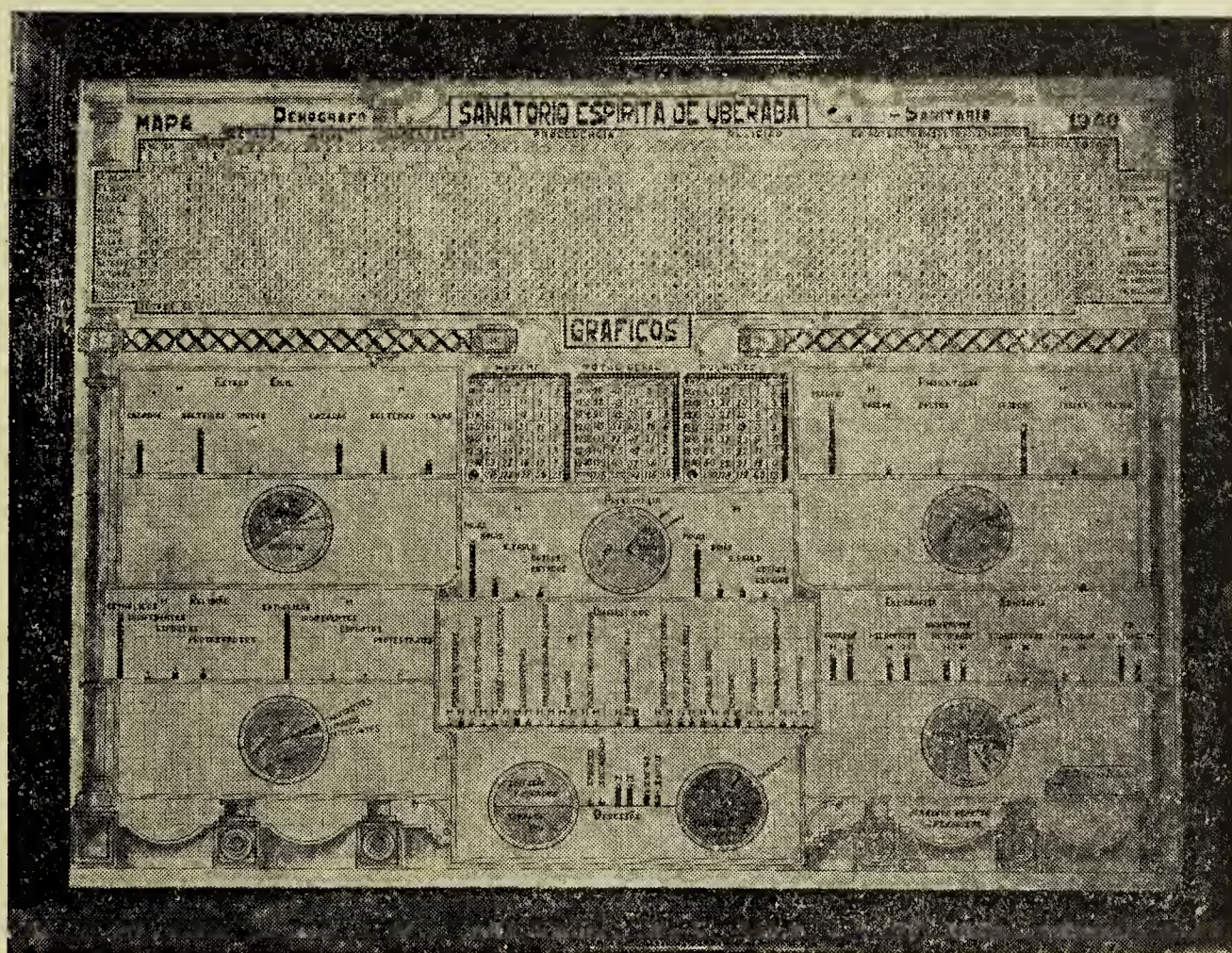
enfêrmos, ao contrário, teem provocado inúmeras discussões e controversias, quasi sem resultados por se travarem entre os homens de pergaminho e áqueles que não tiveram, por uma faculdade, o direito de falar de cátedra.

Aqueles mesmos que, ontem, ainda se mostravam inimigos acérrimos da doutrina, procurando isolar a sua luz com a sombra de um pergaminho, hoje, voltam suas vis-

tas e atenção para a parte científica, confessando, de público, o seu erro, penitenciando-se dos seus julgamentos precipitados. Como exemplo, citamos o prof. Ozorio Cezar, figura proeminente do corpo médico do hospital de Juquerí, o qual, após observações acuradas e trabalhos mediúnicos no seu próprio gabinete de trabalho, em S. Paulo, teve a hombridade precisa para

fôrtio pela diminuição dos seus proventos materiais!

Continuando a apresentar os resultados obtidos durante o ano de 1940, no Sanatório Espírita de Uberaba, apresentamos hoje, mais uma vez, os gráficos que traduzem a Verdade mostrando através de seu resumo, principalmente, o movimento de enfêrmos obsedados e suas respectivas religiões.



Vista do quadro demonstrativo de todo o movimento de 1940

retificar os êrros e os julgamentos precipitados que havia exposto, há dois anos atrás, no seu livro *Espiritismo e Misticismo*.

Sim, hombridade e coragem, pois muitos outros que reconhecem, no Espiritismo, a Verdade e a sublimidade dos seus princípios e ensinamentos, ainda vivem atrás das cortinas do orgulho e do temor de se vêr criticado e privado de con-

A' observação e ao critério de cada um, deixamos o necessário julgamento, afiançando a todos, apenas, que as documentações precisas para ampará-los, estão no arquivo do Sanatório, onde, principalmente os patuás do Catolicismo continuam a enriquecer a nossa coleção.

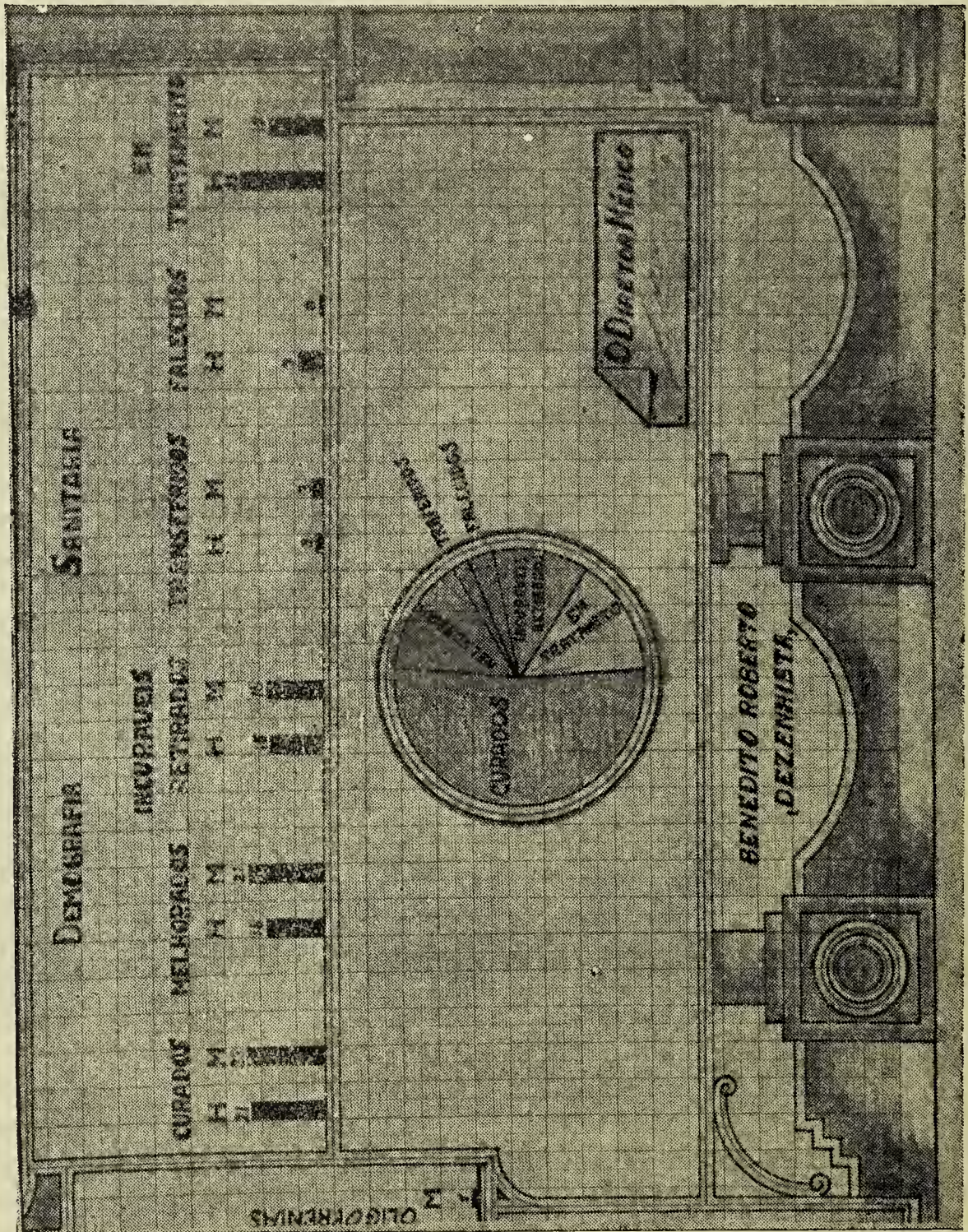
Mais um ano de luta intensa compensada pela satisfação e pela

alegria de vermos mais 80 enfêrmos devolvidos ao lar e à sociedade para onde voltaram levando a felicidade a um e a cooperação do trabalho, à outra.

Foram 80 criaturas que, graças ao Espiritismo, puderam reto-

eleva e se engrandece pelo próprio esforço e pela própria capacidade !

Do que se necessita dentro da doutrina, quer na parte científica, filosófica e mesmo religiosa, é maior e mais perfeita coordenação de trabalho, para que dêe resulte me-



mar a marcha da vida, integrando-se na falange dos que trabalham e dos que produzem, cooperando na grandeza da nossa patria, contribuindo, com seus casos de cura, para maior respeito e maior elevação da ciência brasileira, que se

lhor imposição de respeito, contribuindo pela sua perfeita arregimentação, para desmascarar os exploradores, amparando os bons focos de irradiação—jornais, revistas, casas de caridade e escolas.

As forças estão dispersas ; o

trabalho tem sido isolado e os apê-
los se perdem de encontro às cou-
raças do indiferentismo e do como-
dismo.

A geração espírita atual, com
exceção de algumas dezenas de ele-

dessa porta que persiste em se con-
servar fechada, caem, também, no
indiferentismo, embora reconhecen-
do a inutilidade da sua existência
terrena, improdutiva e incapaz.

Cuidemos da infância, prepa-
rando-a para a
manhã.

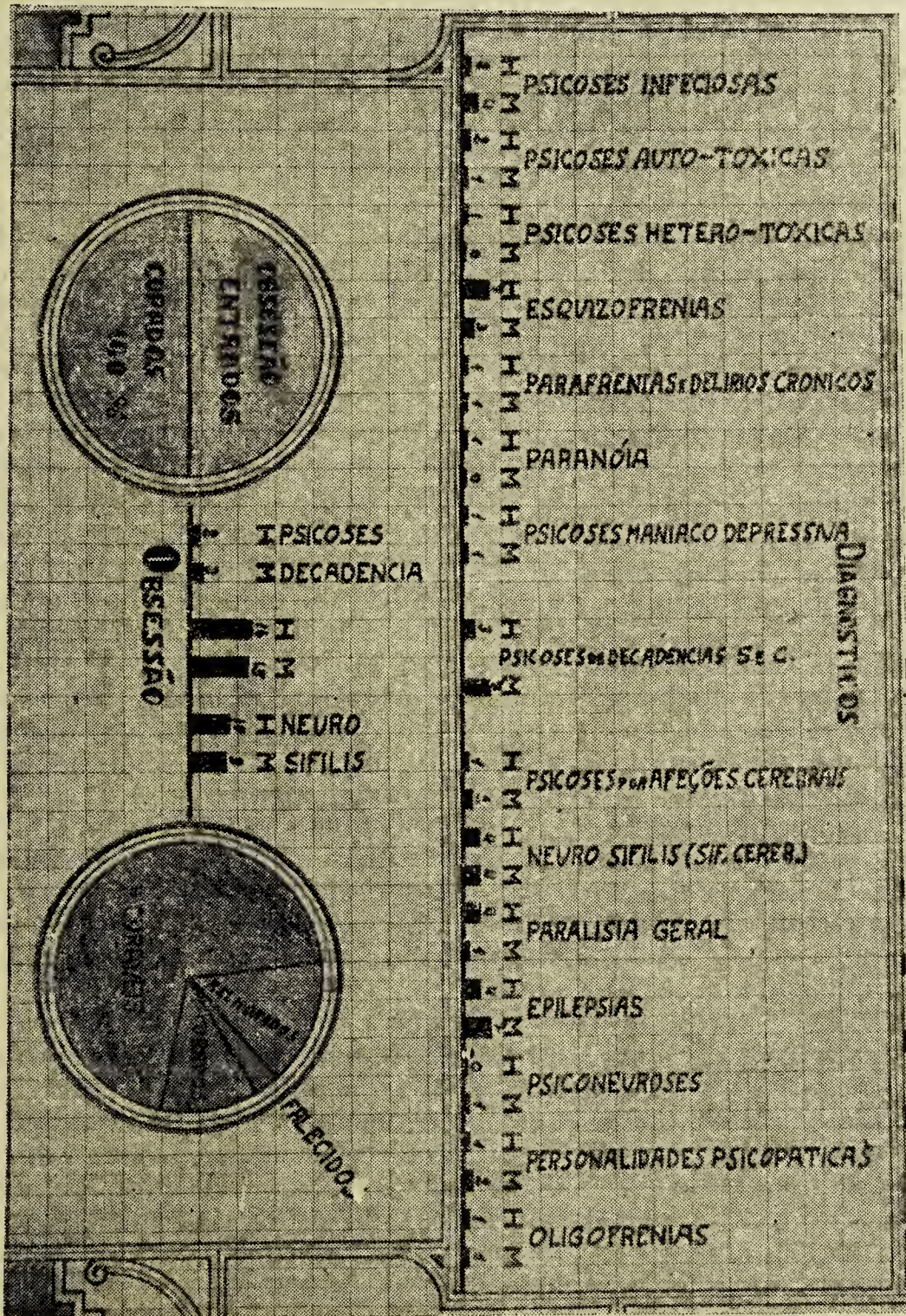
Procuremos
facilitar-lhes
leituras apro-
priadas; ampa-
remos as esco-
las de Evange-
lização, que as
«Unões da Mo-
cidade» fazem
proliferar por
todas as partes,
estimulando
reuniões, unin-
do, irmanando,
despertando o
gosto, e o pra-
zer pelo estu-
do e pelo tra-
balho.

Formemos es-
sa geração mo-
ça, pois a dou-
trina caminha a
passos largos e
vai necessitar,
não só de diri-
gentes conciên-
tes, como tam-
bém de intelec-
tualidades ca-
pazes de mos-
trar, ao mundo,
o resultado ob-

mentos, tem vivido, como a gran-
de maioria dos católicos, mergu-
lhada na fé cega e improdutiva.
Seus cérebros recebem os ensina-
mentos, porém não os assimilam;
seus espíritos, tolhidos por causa

tido com o esfôrço e o trabalho
dos simples e dos humildes...

Com a cooperação estreita de
uns e de outros, o Espiritismo con-
tinuará caminhando mais firme e
mais firmemente continuará contra-



mentos, tem vivido, como a gran-
de maioria dos católicos, mergu-
lhada na fé cega e improdutiva.
Seus cérebros recebem os ensina-
mentos, porém não os assimilam;
seus espíritos, tolhidos por causa

riando a opinião dos sábios materialistas, desmentindo as suas teorias, confundindo os homens de ciência, obrigando-os a que voltem suas vistas para os sublimes ensinamentos coodificados por Kardec.

Assim, melhor e mais rapidamente, poderemos ouvir, das tôrres do infinito, as badaladas sublimes dos sinos da evolução, anunciando a hora de paz e tranquilidade para as criaturas...

* Analisando Factos *

Por Frederico Duarte — Manchester

QUEM me havia de dizer que precisamente uns meses depois de ter falecido minha mãe, ela mesma fosse a causa principal de eu me ter convertido sem hesitação alguma ao Espiritualismo? Uma bela noite fui-me deitar, encontrando-me bastante aborrecido e mesmo indiferente a tudo. Em facto estava eu atacado dum pessimismo tremendo, julgando que a minha vida me estava correndo mal, mesmo muito mal.

Uns minutos depois de ter recolhido à cama, e, estando allí sózinho, comecei a sentir por todo o meu corpo uns certos arrepios e, olhando casualmente para os pés da cama, vi nitidamente produzir-se gradualmente o caixilho dourado e pintura de minha mãe, cujo original se encontra em poder de minha irmã que vive em Coimbra.

Assustei-me e infelizmente para mim, quebrei a vibração! Durante toda a noite pouco dormi e ofenômeno não se produziu mais.

Não disse nada do ocorrido a ninguém, e no dia seguinte pedi a um amigo para me aconselhar onde poderia eu ir pela primeira vez, assistir a um «Service Espiritualista».

Indicou-me a Spiritualist National Church que se encontrava então na Parsonage, Manchester, a pouca distância do edifício da Royal Geographical Society. Sem dizer nada a ninguém, decidi-me a ir lá no domingo seguinte. O «service» começava às 6,30 da tarde, e eu cheguei uns minutos mais cedo, passeando de um lado ao outro, meio indeciso, se devia entrar ou não. Um cavalheiro ido-

so veio em direção a mim indagando se eu estava procurando a «Church», dizendo-lhe que sim, mas que, era um estranho e nunca tinha entrado num desses lugares e não sabia francamente o que fazer e como proceder.

— Venha, venha comigo, disse êle. Você ao entrar receberá um livro de orações, sente-se onde haja um lugar vago, e faça precisamente o que vir fazer os outros. Em primeiro lugar o presidente fala a todos nós, e depois rezamos o Pae Nosso, cantamos dois hinos, e no meio do segundo, membros da Church veem com uns pratos para coletar de todos, óbilos para a manutenção da Church (aluguel, luz, aquecimento, etc.)

Depois temos esta noite uma bem conhecida médium a qual demonstrará os seus poderes de clarividência, e no final, rezaremos de novo, ou fecharemos o «Service» cantando um novo hino.

O que peço a você é que entre no nosso templo *com toda a reverência* e tenha em vista o facto de que allí é um lugar sagrado!

Lá entrei eu na companhia deste desconhecido e, ao ver uma cadeira vaga atrás da porta de entrada, sentei-me. Olhei para um lado e outro, mas não vi ninguém que eu conhecesse. Era pois um completo estranho.

Quando veio a vez da médium começar a fazer as suas demonstrações de clarividência, fiquei um tanto intrigado, especialmente com as respostas afirmativas das pessoas a quem se dirigiu, e, natural é claro, não vi quaisquer das formas dos espíritos que essa médium descreveu com tanta precisão.

CHEGA-ME A VEZ

Depois de se ter dirigido a umas 5 pessoas a médium dirige-se dramaticamente a mim :

—Você ali, que está sentado perto da porta de entrada. Estava indeciso se devia entrar aqui ou não, hein? Esteve lá na rua andando de um lado ao outro sem saber se devia vir aqui ou não! Olhe que eu não o estive a vigiar. Quem me disse isto, é a sua mãe, a qual se encontra ao seu lado...

—Minha mãe? respondi eu. Poderá a senhora descrevê-la?

A médium pausou por uns segundos e fez-me a maior revelação de toda a minha carreira de espiritualista até hoje! Descreveu detalhadamente tudo o que tinha acontecido no meu quarto de dormir, e... descreveu absolutamente a pessoa de minha mãe!

Afirmou-me que minha mãe concordava plenamente e tinha em facto

arranjado a minha ida ali, e que, de todos os seus filhos, seria eu o primeiro a poder e estar apto a comunicar com ela!

Mas.... o mais fantástico de tudo foi o que me disse a médium :

— Você vem dum lugar muito belo, onde ha muita fruta e... Uvas! Não preciso dizer mais para o convencer de que... a morte não existe! E finalmente o conselho a que estude, leia, e visite esta church e outras Espiritualistas, que dentro de pouco tempo terá a oportunidade de receber provas reveladoras que o surpreenderão bastante. Em facto, você vai daqui a algum tempo ter a oportunidade de ver, ouvir, ser tocado e falar com sua mãe!

Quando terminou o «Service» tratei de me escapular primeiro, mas à porta estava lá aquele velhinho simpático com um sorriso nos lábios, o qual me deu uns panfletos e me convidou a continuar a ir ali, o que fiz por algum tempo.

Excertos de uma Conferência Realizada na Federação Espírita Brasileira

ARNALDO S. TIAGO

Estamos em plena era da realização das profecias. O aspecto do mundo contemporâneo, com as suas tremendas aberrações, e explodir de doutrinas anárquicas e demagógicas, com a crueza do seu materialismo, transformando as cidades cosmopolitas em Sodômas e Gomorras modernas, é verdadeiramente desolador. Por isso também o fogo do céu novamente desce para destrui-las: fogo do céu simbolizado nas calamidades da mais horrenda das guerras que tem o mundo presenciado. Ha uma perfeita analogia entre a nossa era e a era romana em que appareceu o Cristo, annunciando o reino dos céus, precedido pelo Baptista que concitava as turbas à penitência e à confissão de pecados, afim de que os corações fossem preparados para re-

ceber e compreender a doutrina do Nazareno.

O novo precursor — o Espiritismo — restaurador da Doutrina do Cristo, não se propõe nem a destruir nem a construir obras materiais, porém a extirpar o que é mau dos corações, para edificar neles um templo ao amor, onde resplenda a luz da caridade. Tudo o que obedecer, portanto, a êste critério, deve ser tido como fruto bom de árvore boa; mas o principal objetivo é o da salvação das almas.

Todos sabemos o quanto se confrangeu o coração do Mestre ao ver, no dia seguinte ao da multiplicação dos pães e dos peixes, a multidão que o buscava anciosamente: «Em verdade, lhes disse, vós me buscais, não por causa dos milagres que vis-

tes, mas por causa do pão que comestes». A tristeza do Mestre repercute sempre em nossos corações, quando vemos o esforço da edificação moral malbaratado, para se emprestar demasiado aprêço às obras materiais. O que mais nos fere a alma não é a miséria física — que esta é compressora benéfica para o saneamento da alma; o que mais doe é ver a miséria moral do pobre verme da terra... E tanto a edificação moral como o espírito de caridade que presidir possa, à construção de obras materiais, sómente por Deus, que lê nas consciências, pôdem ser julgados.

Horrorizam-se todos da tragédia humana da hora presente, voltadas as vistas para os campos de batalha. Maior horror circunda os lares abandonados. Mais horroriza ver a inocência calcada aos pés, a viuvez e a orfandade desoladas, a destruição dos nobres princípios morais que vicejavam no coração do homem, como frágil plantinha que o fogo abraçador das guerras crestou. Mas essa tragédia humana, visível aos nossos olhos, nada é em comparação com a imensa desgraça espiritual que será, no mundo invisível, a separação predita nas profecias, para os que, impotentes e contumazes no crime, foram relegados às geênas planetárias dos mundos inferiores.

Dai a necessidade do desprendimento das cousas terrenas e o máximo cuidado que devemos ter com as cousas do Espírito. A educação espírita ensina-nos a ver na dôr um instrumento da nossa perfeição, mas principalmente na dôr moral. Também, pela mesma razão, é a caridade moral, sempre a mais difícil, aquela que devemos cultivar — e essa é feita de bondade, de indulgência, de reconhecimento fraterno, de delicadeza, de humildade: cousas que, infelizmente, estão sendo tão esquecidas, mesmo pelos espíritas.

O problema econômico, devemos dizê-lo, por espírito de justiça, está sendo resolvido, no Brasil, com alta visão humana, pelos nossos governos: o trabalhador de todas as

classes, as suas famílias, vão sendo amparados por leis do Estado. Multiplicam-se os leprosários, os institutos de assistência à maternidade, à infância, à velhice. Os processos de ensino se renovam. Esse é o domínio do poder temporal. O da religião, da Doutrina do Cristo, é o do Espírito.

O Consolador tem de ser desprendido de tudo que é terreno: a exemplo dos discípulos de Jesus que, segundo a advertência do Mestre, deviam ir sem alforge e sem dinheiro: «Não ireis pelo caminho das gentes», isto é, não tenhais preocupações materiaes em vossos atos; mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel; e, indo, prégai, dizendo: E' chegado o reino dos céus. Curai os enfermós, purificai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios: de graça recebestes, de graça dái. Não possuais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos. Nem alforges para o caminho, nem duas túnicas, nem alparcas, nem bordão; porque digno é o operário do seu alimento». (Mat. X, 5 a 10).

A caridade material recomendada pelo Cristo é a das mãos que curam. Estas mãos se adestram pelo sacrificio, pela renúncia, pela pobreza, pelas grandes dôres morais, pelo sarcasmo dos homens, pelo desprezo até dos condiscípulos — porque do próprio Mestre, certa vez, quando lhes falou mais claramente dessas cousas, muitos dos próprios discípulos fugiram...

O espírita deve ser pobre. Ainda não se encontrou um homem rico que pudesse compreender o pensamento do Cristo.

Ou fazemos voto de pobreza, para ajudarmos o nosso próximo com o excesso do que possuirmos — ou do contrário estaremos nos enganando e enganando a Jesus.

Ora, os pobres não se curam com a medicina da terra, mas com a da caridade que viceja nos corações puros, humildes, desprendidos, corações que estão talvez agora, na Terra, sendo preparados, para uma nova geração de discípulos capazes de fazer a vontade do Senhor da Seara.

A TRAJETÓRIA ESPIRITUAL DE NAPOLEÃO 1.º

MARIANO RANGO D'ARAGONA

DE vez em quando aparece na imprensa uma pretensa comunicação atribuída a Napoleão 1.º...

Felizmente, são raras, mas estranhas e inverossímeis, ao ponto de provocar-nos a sua leitura o riso da incredulidade! É sobremaneira sabido que, em torno às almas da «fotófera terrena», de precário valor moral, e que tiveram na existência planetária, uma importância grave sobre os destinos humanos, atuam outras almas, em número incalculável, as quais são verdadeiros satélites do agente principal.

Aquí na terra, e no espaço, uma lei de «afinidade» comprime, fatalmente, as massas para um «centro de gravidade», tanto para o «bem», como para o «mal», e se o espírito que as coordena, ou as detém, se ressentir de alguma paixão subalterna, elas participam, dolorosamente, de todas as funestas consequências do contacto afim. A pressão sufocante que os comprime, não lhes permitindo a livre direção da vontade, consegue, por vezes, «substituir a individualidade» por um intérprete também afim, quanto a um chamado, ou invocação terrena.

O nosso imortal mestre — Allan Kardec — explica perfeitamente o caso no Livro dos Médiuns. — Por conseguinte, à luz do Espiritismo, as disformes comunicações até agora recebidas, nos autorizam a afirmar que o estado espiritual de Napoleão é simplesmente «penoso»! É o que passaremos a demonstrar.

A sua única manifestação, rápida, incisiva e expressiva é a de 26 de Agosto de 1927, recebida no Castelo «Millesimo» (Itália), na série de sessões de «voz direta» que, presididas pelo intérprete máximo do Espiritismo Internacional, Prof. Ernesto Bozzano, se tornaram célebres nos anais das modernas revelações. O médium era o Marquez Scotti, cujas provas mediúnicas culminaram na completa

desintegração física, pois que, após longas e ansiosas pesquisas, o seu corpo foi encontrado adormecido em lugar distante e afastado do Castelo... O Marquez e médium excepcional C. S., rico e precariamente espiritualista, que agia sob contrôles os mais rígidos e crueis (tal como o outro — Kluski, o banqueiro polonez) não tinha interesse em mistificar a coorte de personagens ilustres que o assistiam e o estudavam. Repito, as sessões de «Millesimo» permanecem, até hoje, as mais maravilhosas do mundo espírita.

É pois, certo que, a 26 de Agosto de 1927, Napoleão 1.º se comunicou por «voz direta», com surpresa geral da assistência ilustre. O ímpeto da sua voz de timbre seco e metálico, a palavra incisiva eram, seguramente, do maior conquistador do mundo, depois de Cesar. Caso único nos fenômenos de «voz direta», êle falou por duas trompas, das quais irrompia uma força vocal que retumbava na sala apropriada da sessão. Poucas expressões, mas demonstrativas da sua presença, e-las: — «Eu sou Napoleão». São decorridos cem anos do tempo em que transitei com meus soldados por esta região. Alojiei-me neste Castelo, onde se travou um combate. Vós encontrareis as provas. Os orifícios produzidos pelas balas dos fuzis ainda existem sobre a porta da Capela. Apresento as minhas homenagens ao Marquez e à Marqueza. Boa Noite!...»

No precioso livro do Prof. E. Bozzano, publicado em 1929, sobre a referida sessão de «voz direta», em «Millesimo», foi provada a asserção de Napoleão 1.º, acerca do combate e os sinais das balas. Mas, sobretudo, foi demonstrado, com raro critério, o «estado espiritual hodierno, do Desencarnado».

Êle continua a ser um «perturbado», «*et pour cause...*»

Quem foi Bonaparte?

Um agente da França revolucionária e de um mundo em plena dis-

solução político-moral. Desde que somos nós unicamente, os construtores e destrutores dos nossos destinos, tanto na vereda do bem como na do mal, o Espiritismo ensina que, em cada um de nós, ha uma criatura que encerra, em si, o epílogo de um ou de outro daqueles fatores: o bem ou o mal.

Tudo isto é fatal!

Ambicioso, irrequieto, audaz e inteligente, êle supôs que tinha no punho a conquista do mundo e marchou à frente da França revolucionária para a posse violenta e brutal dos povos e das nações.

Uma vez aureolado de fama e de glória guerreiras, os vis e os fracos lhe abriam o caminho às centenas de vitórias, nas quais êle pode matar milhões de criaturas, espoliar os tesouros dos estados vencidos, impôr tributos indistintamente, supôr-se um «semi-deus» e — escarnecendo, por fim, do escandalizado Pio VII, a quem trouxe prisioneiro a Fontaineblau — cingir com as próprias mãos a corôa de Imperador Francês. E nem mesmo na sua vida íntima demonstrou ser observador dos preceitos de moral...

Mas o Espiritismo ensina que não «ha causa sem efeito» e vice-versa; e por isso mesmo o ciclo napoleônico devia completar-se na ilha insalubre de Santa Helena, o escôlho perdido no oceano atlântico, verdadeiro sepulcro de alguns indigenas, e no qual gritam tristemente as gaivotas famintas. E é na Ilha recôndita e solitária do grande oceano que Napoleão, não mais 1.º, porém o «último», em realidade, da sua improvisada família imperial, inicia o seu segundo ciclo, desta feita inteiramente íntimo, e não mais universal, o da expiação e do remorso.

E' verdade indubitável, que nesta a ambição, o irrequietismo e a audácia não entenebreceram «totalmente» a sua consciência de homem inteligente, e por isso mesmo, outros tantos breves surtos de luz saem dos seus lábios, frequentemente. Máximas de dôr purificadora, mas são «breves surtos», até mesmo «brevísimos». O sonho fascinador do passado o subjuga sempre, revê como em uma teo-

ria de herois os seus fieis generais, os olhos se inflamam diante das ruínas fumegantes das cidades destruidas e submetidas, tenta erguer-se ainda como um gigante entre os infinitos estandartes que se abaixavam diante dêle, trêmulos e reverentes. Mas é um sonho: o derradeiro...

A realidade do seu segundo ciclo é o «túmulo» onde o mar bate inexorável, o mundo civil lhe interrompeu definitivamente a ação marvótica do conquistador sem escrupulos e sem piedade.

E' a sua agonia físico-planetary...

A morte o colhe no momento em que murmura ainda: «soldados avante»...

Desde o seu traspasse terreno decorreram 126 anos, outros tantos «minutos» apenas no tempo e no espaço, e quando uma alma como a de Napoleão faz correr torrentes de sangue e de lágrimas a um mundo inteiro, em benefício, mais que da pátria — do próprio «eu», esta alma tem necessidade de «milênios ou de séculos» para se purificar. Daí ser estulto a quele que, abeberando-se na glória efêmera de tão piedoso e infeliz personagem histórico, a admira e tenta imitar. Uma lei de afinidade condenará à mais dura expiação quem quer que ouse aproximar-se dêle no gesto e no exemplo...

São, portanto, falsas as comunicações diversas que, frequentemente, aparecem nos centros espíritas sôbre Napoleão, seja qual for o seu senso, embora se revelem aparentemente inspiradas em contrição religiosa. E', ao contrário, verdadeira a manifestação de «voz direta» obtida em «Millesimo», a 26 de Agosto de 1927, por uma razão simples racional e eloquente...

Aquela, que revela que êle deve percorrer «inexoravelmente» toda a escala das crueldades e das ambições consumadas na terra, revivendo-as no espaço, para abrir lentamente a consciência antes, ao «remorso», e depois, à «purificação».

A cena de «Millesimo» que recorda Napoleão jovem general na conquista da Itália, é o «primeiro quadro» que o seu espírito errante con-

templa. Pouco a pouco êle deverá revêr outras terras que falou com o tãção dos conquistadores, até à agonia atroz de Santa Helena. E de mistura com tantas visões penosissimas, ouvirã as vozes dos assassinados e as maldições dos oprimidos.

Assim opera o fóco purificador da expiação.

Tal a «trajetória espiritual de Napoleão 1.º» submetida à lei de «causa e efeito», ou seja ao Espiritismo.

Assim fatalmente... Aviso aos novos tirânos.

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Mais tarde, em certa ocasião quando a paciênte Snra. Burton estava no círculo, outro espírito foi afastado da mesma e, incorporando-se na Snra. Wickland, falou de um modo bem característico.

Espírito: Jimmie Huntington.

Paciênte: Snra. Burton.

O espírito descalçou os sapatos e se mostrava grandemente perturbado.

Méd. — Que foi que vos aconteceu? Sofrestes algum acidente? (Segurando-lhe firmemente ambas as mãos). Tirastes os sapatos.

Esp. — Eu os tirei.

Méd. — Dizei-nos quem sois?

Esp. — Não sei se o direi.

Méd. — Dizei-nos donde viestes.

Esp. — Não sei se o direi também.

Méd. — Gostaríamos de saber quem sois. Que foi que vos aconteceu? Parecenos que não estais vos sentindo bem.

Esp. — Não estou não.

Méd. — Que estivestes fazendo ultimamente?

Esp. — Não estive fazendo nada. Andava perambulando.

Méd. — E o que mais?

Esp. — Nada de mais. Parece que eu estive prêso em algum lugar. (Na aura da paciênte).

Méd. — De que forma?

Esp. — Não sei como foi, porém eu não podia sair.

Méd. — Como podeis explicar isto?

Esp. — Não o posso explicar de forma alguma.

Méd. — Ouvieis alguém falar?

Esp. — Sim, muitas pessoas falavam.

Méd. — Que diziam elas?

Esp. — Uma dizia uma coisa, outra,

outra coisa. Todas se julgavam muito inteligentes.

Méd. — Tivestes alguma oportunidade de falar qualquer coisa?

Esp. — Sim, porém eu me sentia louco porque havia sempre uma mulher alí e ela sabia tudo o que eu queria dizer. A's vezes eu sentia que ia ter uma oportunidade. Quando elas falavam a tal mulher falava. Um homem não consegue falar nada quando uma mulher se põe a falar.

Méd. — Parece-nos que fostes casado.

Esp. — Sim, casei-me.

Méd. — Fostes feliz ou infeliz?

Esp. — Na verdade não o sei. Não fui muito feliz. As mulheres geralmente falam muito e não ha meios de deixar um homem sózinho por um instante.

Méd. — De que falam elas?

Esp. — E' esta mulher alí que fala, fala e está sempre falando. (A paciênte Sra. Burton que falava constantemente). Nunca fica quieta por um momento. A's vezes tenho vontade de dar-lhe umas sacudidelas. E ainda tivemos nova companhia. E elas falavam, falavam. Isto me põe doente; elas me fizeram sair. São a pior gente que jamais vi.

Méd. — E aconteceu algo de particular?

Esp. — Relâmpagos andavam ao redor da minha cabeça até que fiquei sem saber onde estava. (Tratamento elétrico aplicado na paciênte). Parecia que a tormenta era longe, porém, por Deus e pelos Santos, como ela me atingia!

Méd. — E o que querieis fazer nessas ocasiões?

Esp. — Queria segurar aqueles relâmpagos e impedir que êles me atingissem a cabeça, porém êles não erravam a direção. Os relâmpagos não eram assim e não feriam a ninguém, agora não fallham o golpe. Nunca vi coisa igual a isto. Vejo estrelas diante dos olhos e soffro horrivelmente e até quando os relâmpagos me golpeam, esta mulher continua falando. (A paciente falava durante o tratamento).

Méd. — E de que falava ela?

Esp. — Nada. Ela quer mandar e eu também quero mandar; daí não saímos.

Méd. — Que diz ela?

Esp. — O senhor sabe como são as

mulheres — falam, falam e não dizem nada.

Méd. — Esta senhora dirigiu-se a vós?

Esp. — Ela me atormenta todo o tempo. Tenho vontade de sacudi-la porém me parece que não tenho mais força. E então intervem outra mulher. Isto me põe doente. Que farieis, com uma mulher para fazê-la parar de falar? Para conseguí-lo, haverieis de lutar muito.

Méd. — Qual é o vosso nome?

Esp. — Ha muito que não o ouço.

Méd. — Onde viestes? Estais na California?

Esp. — Não, estou no Texas.

(Continua).

Crônica Estrangeira

Diretor de Orquestra aos onze anos de idade

«Constancia», a esplendida revista platina, nos fornece a nota abaixo, originariamente publicada no grande órgão «La Nacion».

Lorin Maazel, de onze anos de idade, dirigiu em Nova York, a Sinfônica de Verão, a mesma orquestra que Toscanini converteu em uma das melhores do mundo. Antes do primeiro ensaio sob a direção de Maazel, os músicos da orquestra proferiram toda sorte de gracejos, perguntando se o concêrto seguinte seria dirigido por uma foca amestrada. Mas ficaram decepcionados. O menino prodígio possui dotes singulares, entre outros o de conhecer de memória, 22 partituras sinfônicas, a ponto de não recorrer aos textos, salvo para citar exatamente o número de algumas das partes. Antes de Maazel, sómente os prodigiosos Mozart e Fritz Reiner souberam dirigir magistralmente uma grande orquestra de adultos, e Maazel demonstrou possuir uma capacidade muito superior a que se poderia qualificar—«muito boa para um garôto». Com grande compreensão e talento musical, dirigiu a «Overture de Rienzi», de Wagner, a «Sinfonia Italiana», de Mendelssohn, e uma obra que foi escrita por uma amigui-

nha sua, Dika Newlin, quando ela apenas contava nove anos de idade.

Lorin Maazel nasceu em Neuilly, perto de Paris, de progenitores americanos. O pai, professor de canto, cedo o levou a Los Angeles, onde Lorin aprendeu a tocar piano e violino. Interessou-se pela música sinfônica quando seu pai lhe presenteou com uma partitura de Haydn, quatro anos atrás. Foi confiado a Vladimir Bakeleinnikoff, diretor substituto da Sinfonia de Pittsburgo, que lhe deu lições e continua sendo seu professor.

Nos últimos três anos, Lorin Maazel já dirigiu sete orquestras, das quais a melhor, sem mencionar a Sinfônica da National Broadcasting, era a Filarmônica de Los Angeles.



Um Pressentimento de Morte

Por J. Gaillard

Compulsando nossas coleções da excelente Revue Spirite, encontramos êste relato que, como todos os factos espíritas, sempre desperta interêsse.

A recente catástrofe de Saint-Benoit (expresso de Bordeaux a Paris), foi marcada por um episódio característico. Uma das vítimas, M. Serge Singher, estudante de direito em Paris, manifestou o pres-

sentimento de sua morte. Êle teve a intuição dum acontecimento ainda por acontecer.

Muitos negam toda possibilidade de prever um acontecimento futuro. Alguns admitem que se pode, em certos casos, conhecer o passado, mas o futuro, nunca. Assim se limita o campo da criptestesia (conhecimento extra-sensorial de um facto).

Em vão alegar-se-à uma série de casos de pressentimento ou mesmo de premonição. Em vão citaremos factos que, depois de investigados, encontraram lugar em publicações tecnicas que fazem autoridade, tais como a coleção publicada pela Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas, tudo isso não entra em linha de conta!

M. Camile Flamarion, em sua notável obra *A Morte e seu Mistério*, relata numerosos casos de premonição. Exemplo: o caso do capitão Mac Gowan, que tendo prometido levar seus filhos ao teatro, depois de estar de posse de três bilhetes, renuncia ao projecto porque *ouviu* uma voz interior adverti-lo com instância: «Não vá ao teatro, reconduza seus filhos ao colégio».

Pois bem, nessa mesma noite o teatro foi destruido por incêndio e pereceram cento e cinquenta pessoas.

Outro exemplo: o caso da mãe que tinha por hábito mandar sua filhinha jogar num terreno vizinho a uma via férrea de Edinburg. Avisada por voz interior, ela vai à procura da filha. Pouco depois, a queda duma locomotiva e do tender sôbre o terreno, matou diversas pessoas. Êsse facto verificou-se em 1860, e foi confirmado pela família e vizinhos.

Os exemplos desta natureza são numerosos. A modalidade dêstes fenômenos de lucidez, premonição, é muito variável: vozes, escritas, sonho premonitório, declaração feita em estado de hipnose, etc...

Os cépticos negam qualquer valor a esta sorte de fenômenos. «Fornecei provas! Citai, ao menos, um caso, preciso, bem observado e estabelecido».

Pois bem, um caso preciso e bem estabelecido, (infelizmente bem estabelecido!) verificou-se com o acidente de Saint-Benoit.

Não nos deteremos aquí no episódio concernente ao malogrado Dr. Pédebidou, senador, uma das vítimas da catástrofe. A um interlocutor que o felicitava pela sua saúde promettedora de longividade, o se-

nador respondeu: «Saiba, todavia, que no ano passado, durante uma viagem a Tunis, um árabe me predisse que eu encontraria a morte, antes de um ano, numa catástrofe».

Certamente, poder-se-á objectar que êste caso não é muito concludente. Fatalidade? Coincidência? E, além de tudo, o interessado já não vive para confirmar o facto.

Eis o momento oportuno para colocar os cépticos ante o caso do estudante Sérgio Singher. Toda a imprensa publicou narrativas concordantes. A sinistra aventura dessa outra vítima da catástrofe está ilustrada, dominada, caracterizada por um documento decisivo, suscetível de ditar um julgamento unânime. Trata-se de uma carta autógrafa.

As pessoas que apanharam o cadáver do estudante deram busca em suas roupas para encontrar qualquer objecto de natureza a estabelecer a identidade do morto. Ora, num dos bolsos do paletó, encontraram uma carta assim concebida: «Tive, esta noite, um pressentimento atroz. Tenho mêdo de morrer subitamente. Avizai meus pobres pais, caso se realize o sonho».

Colhi êstes detalhes em *La Liberté*. O jovem estudante de direito estava habituado a fazer a viagem de Mans a Paris (Mans, seu domicílio familiar: Paris, seu domicílio escolar). Jamais um pensamento veio ensombrar seu pensamento. Jamais lhe veio à idéia de ocultar em suas vestes u'a mensagem fúnebre destinada à sua familia.

Uma só vez interveio o pressentimento de morte. E a morte confirmou o pressentimento.

Raros são os casos tão nitidamente provados. Aquí os detalhes são precisos e circunstanciados. Foram por antecipação escritos e assinados pelo interessado antes do funesto acontecimento. Os relátos idênticos dos jornais constituem uma prova irrefragável que não deixa brecha a nenhuma contestação.

Eis o facto! Segundo um adágio conhecido, nada é tão pertinaz como um facto. Êste episódio autêntico dum pressentimento de morte está em correspondência com o histórico da catástrofe...

Como explicar o conhecimento do futuro?

Tem-se dito que certos indivíduos conhecem o futuro, o encadeamento de

efeitos e causas, encadeamento que cristaliza por antecipação as futuras contingências. Mas êste arrazoado sómente é um modo de deslocar a dificuldade.

Não, para ter a solução do nosso problema, é preciso encarar as faculdades supranormais do sêr humano. A chave do mistério está na personalidade psíquica latente do sujet; ela está no sêr subconciênte.

O Dr. Geley, C. Flamarion e o Dr. Osty, escreveram obras sôbre esta matéria que, enfim, lançam alguma luz sôbre êsse grandioso e misterioso território vizinho do abísimo entrevisto por Blaise Pascal em horas de angustiosa meditação.



Um extraordinário pleito indicial

(Casa assombrada)

Trata-se dum processo forense pedindo a anulação dum contrato de arrendamento, por se darem manifestações anormais no prédio. Muitas revistas da época se referiram ao caso ocorrido 30 anos atrás.

A Duquesa de Castelpoto ocupava com sua família o 2.º andar duma casa sita junto a S. Carlos, a Mortelle, n.º 7; mas não tardou que num corredor da mesma se comesçassem a ouvir ruidos e pancadas. Essas manifestações aumentavam com a obscuridade.

Depois a mobilia começou a deslocar-se com tal barulho, que os locatários dos outros andares se incomodavam também.

Ouviam-se passos; dois filhos da Duquesa sentiam-os por vezes ao pé do seu quarto; chegou a vêr-se uma forma humana que desaparecia por um ponto onde existira uma porta, que então estava tapada. Foi arremessada uma grande pedra, e todos quantos estavam reunidos na sala, ouviram grande ruido nos compartimentos próximos, verificando-se que as camas haviam sido desfeitas e a roupa dispersa em todas as direções.

A família alarmada teve de sair; uma creada ao seu serviço abandonou-os; só voltaram no dia seguinte para fechar a casa, afastando-se de novo e deixando-a em desordem.

Quando mais tarde quiseram entrar, encontraram a porta do aposento barri-

cada com um montão de móveis pesados, tendo-se acendido a luz elétrica sem que ninguém lhe tocasse.

Foi então que a Duquesa e seu marido foram consultar o advogado Zingaropoli, que lhes propôs para transformarem os fenômenos *espontâneos* em *provocados*, o que muitas vezes deu resultado.

Procuraram então a senhoria, Mme. Englen para rescindir amigavelmente o contrato de locação, mas como ela se recusasse, a Duquesa de Castelpoto recorreu aos tribunais.

O processo estava pendente mas adiantado, e tratado por Zingaropoli com mão de mestre.

Alegava-se a matéria de fato e fortificava-se com muitos e muitos fatos, para provar centenas de casos análogos, em todos os tempos e com as testemunhas e precauções mais severas.

Nem sequer a proprietária Ré, Mme. Englen se defendeu com quaisquer alegações de fraude, vista a honrabilidade da Autora, as grandes despesas de instalação que fez, e o transtorno que lhe causava uma mudança forçada.

Nem também pode argumentar com a alucinação, visto que os moradores dos outros andares do prédio certificavam igualmente as mesmas perturbações.

Os factos e as provas realmente existiam; faltava que o direito se applicasse e isso pertencia ao tribunal, que julgarria com todo o cuidado, visto a natureza especial do processo.

As reflexões jurídicas do advogado Zingaropoli foram notabilissimas.



Um Quadro Responde ao Apêlo de uma Mãe

«The Two Worlds» reproduziu o facto de *Daily Dispatch*.

Produziu-se, junto ao leito de uma moribunda um fenômeno insólito, isto em Great Harwood, distrito de Lancashire. Uma senhora estava a morrer, mas frequentemente chamava a filha ausente, cuja fotografia estava suspensa à parede, do lado oposto á cabeceira da cama.

Quando ela fazia um dos últimos apêlos, o quadro desligou à meia altura da parede, depois, segundo declarações de testemunhas, escorregando lentamente

sôbre um plano horizontal, contra a parede, até contornar o ângulo do aposento, para em seguida deslizar perpendicularmente e ir enfim cair sôbre o pé do leito da mulher agonizante. Detalhe particularmente curioso: o duplo cordão que sustinha o quadro, havia sido, nessa circunstância, seccionado em dois pontos di-

ferentes, a poucos centímetros abaixo do prego de suporte. Quando o quadro finalmente estava sôbre o leito, ninguém dos presentes ousou tocá-lo. Foi sómente um ex-oficial de polícia que resolveu apoderar-se do quadro para verificar a solidez do cordão, que se revelou extremamente resistente.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessões de efeitos físicos na cidade noroestina de Lins

Vem sendo comuns, de tempo a esta parte, os fenômenos psíquicos ocorridos em sessões quer nos centros espíritas bem organizados, quer nos meios familiares onde pessoas de fé e boa vontade, semeadoras do bem, da caridade, procuram dessiminar entre os cépticos, a realidade da vida de além túmulo, da sobrevivência da alma.

As belezas dessas provas incontéstes de outra vida temô-las frequentemente, e, não obstante os apôdos ridículos daquêles que não querem ver, ouvir ou sentir, dominados por preconceitos fóra de nossa época, — elas irrompem como torrentes cristalinas e dia a dia mais se avolumam...

Na residência do Sr. B. R. Silva, domiciliado ha alguns anos nesta cidade, profissional honesto e trabalhador, nolavam-se manifestações estranhas que o induziram a organizar sessões espíritas familiares, e daí o recebimento de u'a mensagem que traçara seus deveres na senda espiritual, como médium de efeitos físicos e de incorporação.

Prosseguindo nos seus trabalhos, sem desfalecimento e sem regatear sacrifícios, não tardaram os obreiros do espaço em se manifestar.

Citaremos aqui o que presenciámos.

Sala modesta, diversas cadeiras, uma estante num dos ângulos do recinto, u'a mesa onde se viam três

cornetas luminosas, um pandeiro, castanholas, um cavaquinho, uma peça de cordél e uma vitróla.

Disposto o médium em uma poltrona no centro da sala onde estão reunidas doze a quinze pessoas, em semi-círculo, inicia-se a sessão depois de uma ligeira prece pelo presidente dos trabalhos, acompanhado mentalmente pelos assistentes.

Estamos às escuras.

São decorridos alguns minutos ao som da música suave de um disco, quando se faz ouvir a vóz de uma visitante do espaço. E' Marta, o guia do médium que anuncia estarem presente alguns obreiros que vão iniciar seus trabalhos.

E não tarda a primeira prova.

Impregna-se o ambiente de um aroma sutilissimo quando cada um dos presentes recebe no rosto, nas mãos, no vestuário, múltiplas e delicadas gotas de perfumada essência.

Acende-se a luz a pedido do guia. O médium está amarrado fortemente na poltrona, dos pés à cabeça, as mãos para trás, com o cordél que fora visto sôbre a mesa.

Apagada a luz, novas manifestações nos chamam a atenção.

Ao som da música favorita de um dos espíritos, — o pandeiro e as castanholas formam um conjunto interessante, e em seguida são jogados ao chão.

Iluminado imediatamente o salão, verifica-se o soalho repleto de pétalas de rosas, o médium, então, amarrado nos pés da mesa com o cordel agora trançado em forma de corrente.

E' preciso notar-se que não ha-

via no recinto, flores de espécie alguma.

Inúmeras tem sido as manifestações psíquicas nessas modestas sessões, como a de transporte de pedrinhas de cores várias, de flores diversas, de uma gaitinha de sôpro que fôra lembrada por um dos presentes, de um lenço de grande formato que apareceu amarrado à cabeça do médium, etc.

Na última sessão a que assistimos, quando prestes a ser encerrada, em que os fenômenos se repeliram com uma precisão admirável, foi atirada da mesa ao soalho, uma brochura nova ali colocada para anotações eventuais.

Verificada que fôra pelos assistentes, constataram-se, na sua primeira página, quatro palavras escritas com clareza: eram os nomes dos visitantes espirituais que ao se despedirem, deixavam suas assinaturas.

Em ligeiro esboço, procurando delinear êsses fenômenos que, de um momento para outro, se manifestaram por um médium ainda em desenvolvimento, só temos motivos para exultar,—nós que encaramos êsses factos por um prisma de verdade, na afirmativa absoluta da existência de outros mundos.

Deoclydes A. de Silos.

Lins, 3 de Novembro de 1941.

Notícias de Campinas

Sob a direção de pessoas competentes foi fundada há pouco na cidade de Campinas a Liga Espírita, que tem por fim congregar todos os centros espíritas locais, bem como os do Interior.

Esta Liga Espírita tem contado com o êxito em todas as suas reuniões, em virtude da melhor boa vontade com que seus membros hão agido e manifestado por todas as formas.

Na noite de 31 de Outubro realizou-se a 4.ª concentração de todos os centros que até esta data constituem a Liga, no Teatro Municipal, on-

de mesmo debaixo de chuva torrencial se reuniram algumas centenas de pessoas, correndo tudo na maior ordem e com o melhor brilhantismo.

O programa dessa brilhante festa se constituiu, primeiro, de uma parte de números de música, depois recitativos e declamações, tomando a seguir a palavra o ilustre jornalista Odilon Negrão, na qualidade de orador oficial, que discorreu com muita facilidade sôbre o sugestivo tema «Leis da Causalidade».

Nessa mesma noite e no mesmo local fôra dada posse á Diretoria provisória, pelo jornalista Luzo Ventura, que também, na sua conhecida calma e capacidade soube calivar mais uma vez a simpatia da assistência, em improvisada oratória, cheia de ensinamentos valiosos.

A Diretoria da Liga Espírita Campineira, eleita e empossada, é formada, provisoriamente, de um presidente: Rosauro Duarte de Andrade; de um secretário: Servilio Marrone; de um tesoureiro: Lupercio Gobbi.

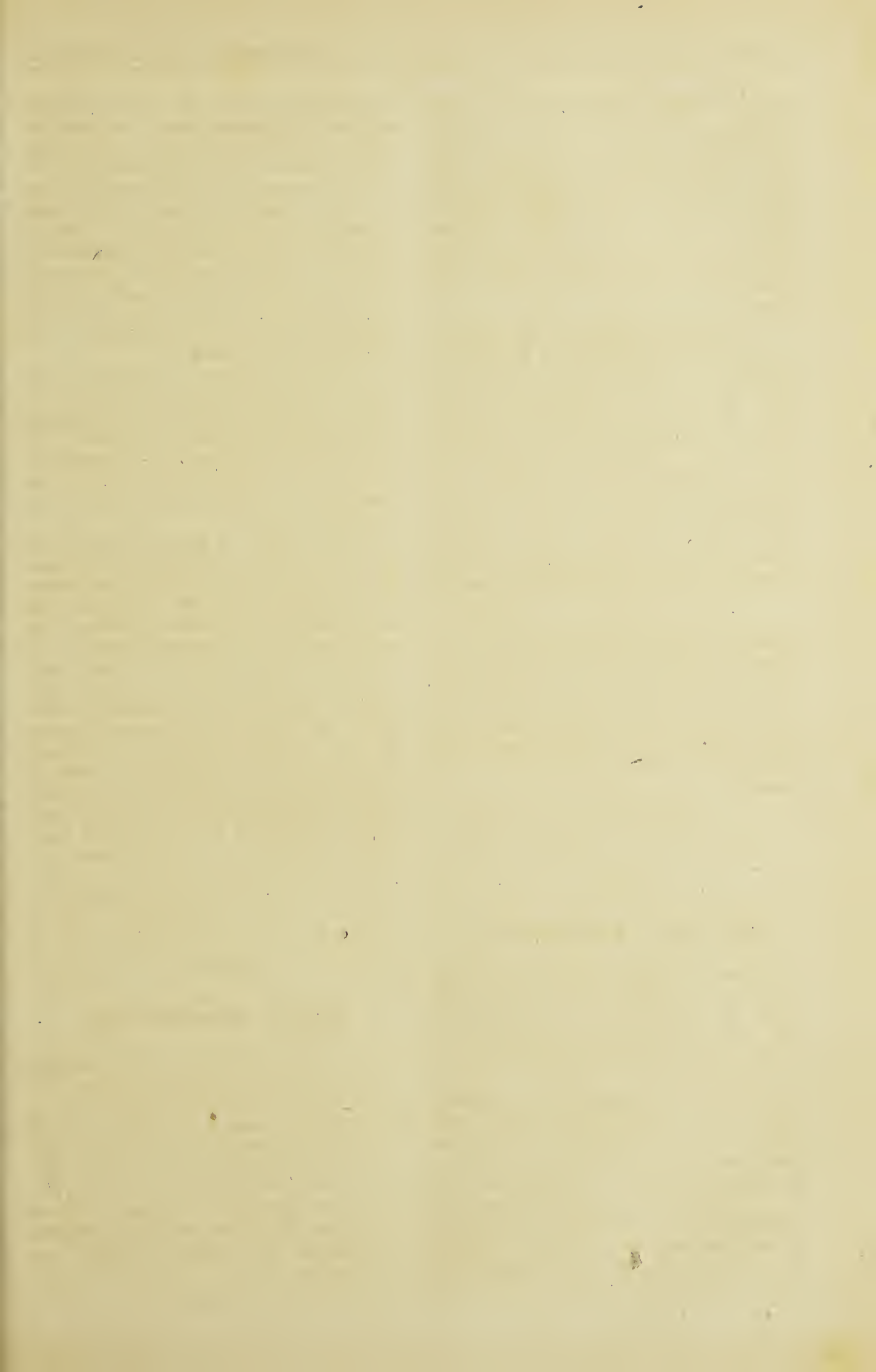
Nossos parabens a essa nova organização que muito promete em prol da difusão dos ensinamentos espíritas na cidade de Campinas, onde há mais de dois decênios a brilhante pena do dr. Sousa Ribeiro sempre soube defender e difundir com sentimento verdadeiramente cristão os sublimes princípios da mais bela e mais perfeita Doutrina: O Espiritismo.

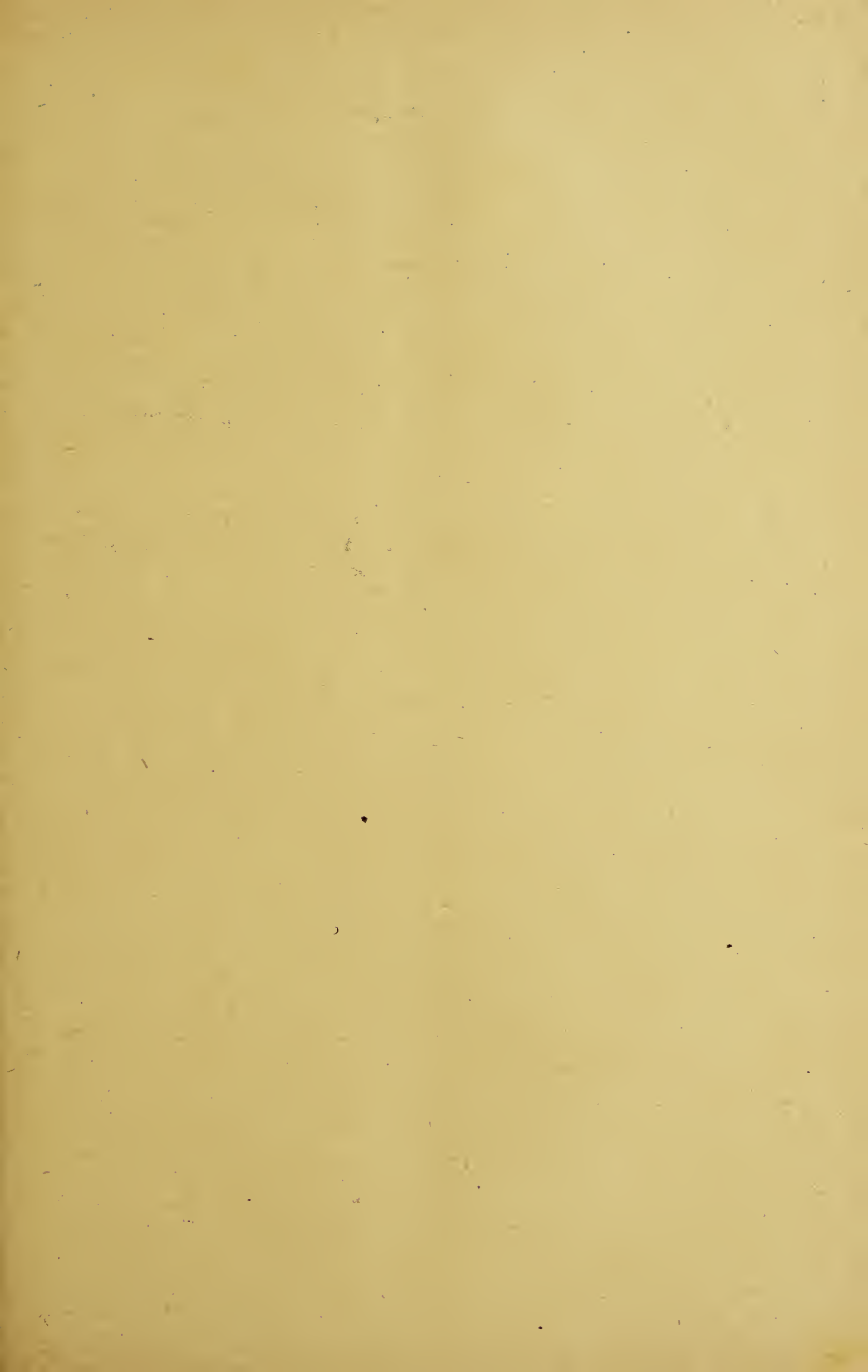
Benedilo G. do Nascimento.

Campinas

Nosso representante

Comunicamos aos interessados residentes em Idaiolanda, S. João, Vila Aurea, Brioso e Macaúbas, que o sr. Jeronymo Antonio Casimiro está autorizado a reformar e angariar novas assinaturas de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», podendo ser procurado todos os dias, das 14 ás 18 horas, no Asilo Jeronymo Ribeiro e Cairbar Schutel, em Macaúbas.





Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	20\$000
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25\$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30\$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45\$000

NUMERO AVULSO 2\$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

